

Psicólogos comemoram seu dia em todo o Estado

Orientação

Entre as questões que chegam ao Centro de Orientação, dois tipos de pergunta chamaram particularmente a atenção: aquelas que se referem a assuntos exclusivamente técnicos e as que trazem dúvidas sobre questões éticas. Uma análise apurada da motivação das consultas revelou que a maioria aponta para lacunas na formação universitária. Conselho explica a importância da formação continuada. Pág. 16

RECADASTRAMENTO

Pós-graduados ganham salários mais altos. O nível de rendimento melhora conforme progride a qualificação acadêmica.
Pág. 14

Novo endereço eletrônico do CRP:
crp06sp@nutecnet.com.br



Na festa de comemoração do Dia do Psicólogo em São Paulo o CRP inaugurou sua nova sede com um evento em que os profissionais mostraram suas esculturas, pinturas, textos e artes teatrais. Nas subsedes a data também foi comemorada com eventos artísticos e culturais. Páginas 8 e 9.

COMPORTAMENTO

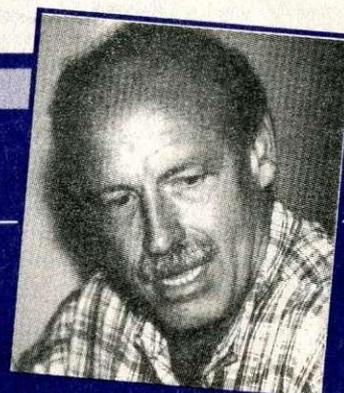


A violência, fruto da miséria, obra da indústria do tráfico de drogas, também é reflexo de atitude mesquinha, preconceituosa e omíscia da própria sociedade frente a seus conflitos e contradições.

Págs. 6 e 7

ENTREVISTA

Fernando Gonzalez Reis



O PSICÓLOGO CUBANO, ESPECIALISTA EM EPISTEMOLOGIA, FALA SOBRE CIÊNCIA, SUBJETIVIDADE, ÉTICA E FAZ UMA AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DA PSICOLOGIA HOJE.
Págs. 3 a 5

EDITORIAL

A psicologia e as transformações da sociedade

Este número do *Jornal do CRP-06* traz a cobertura das comemorações dos 35 anos da regulamentação da profissão de psicólogo. Diferentemente do que ocorreu nos anos anteriores, nos quais a data era marcada por alguma atividade de trabalho, neste ano o objetivo das atividades comemorativas foi propiciar oportunidade para que os psicólogos se encontrassem e apresentassem suas diversas produções culturais. Em várias cidades do Estado de São Paulo, os psicólogos puderam se encontrar em reuniões de confraternização. A participação de mais de mil e quinhentos psicólogos nas comemorações realizadas dia 27 de agosto nas diferentes subseções e no dia 28 na sede do CRP-06 mostrou a importância da realização de eventos nos quais possamos nos encontrar em clima descontraído para desfrutarmos da

convivência com os colegas e conversarmos sobre nossa profissão.

Datas comemorativas requerem considerações sobre a história do que se comemora. No caso, trata-se menos de retomar a história da regulamentação da profissão, ocorrida em 1962, e sim de considerar as questões referentes à atualidade da psicologia. Enquanto profissão, as questões mais cruciais vividas pelos psicólogos se situam na articulação freqüentemente abordada na seção recadastramento do *jornal do CRP*. Os cursos de psicologia formam um número de profissionais muito acima das possibilidades de absorção pelo mercado de trabalho. Além disso, a qualidade da formação é muito deficiente, o que tem como resultado um grande número de profissionais formados sem quaisquer condições de entrar num mercado de trabalho, que é bastante competitivo.

Por outro lado, o desenvolvimento da ciência psicologia vem sendo marcado por uma riqueza e uma diversidade cada vez maiores, colocando novos problemas a serem enfrentados em diversos campos. Neste sentido, a entrevista do psicólogo cubano Fernando Gonzales Rei é uma instigante contribuição para pensarmos as possibilidades da Psicologia nesta mudança de século. A abordagem do tema da exclusão aponta para as possibilidades de contribuição da Psicologia na compreensão das transformações da sociedade neste final de século marcado pela extrema rapidez de seu ritmo, o que traz implicações nas produções subjetivas. Assistimos atualmente a entronização da perplexidade e do temor como definidores da reação da grande maioria da população diante das transformações ditadas pela globalização e o

grande salto no campo da automação e da comunicação. Quando as conquistas tecnológicas poderiam oferecer a possibilidade de livrar o homem da sobrecarga do trabalho e realizar a utopia de menor carga e maior tempo dedicado ao lazer e 'a satisfação das necessidades pessoais, o que nos é oferecido é a expulsão do mercado profissional de grande parte da força de trabalho. E para os que conseguem manter seu posto de trabalho fica a insegurança pelo temor de ser brevemente jogado fora do sistema.

A Psicologia pode e deve contribuir para a compreensão deste quadro e também para a produção de alternativas de mudança, ajudando na descoberta de novas utopias que possam mobilizar transformações para que o grande avanço nos processos de conhecimento e controle da natureza venham para a maioria.

CARTAS

Pastores e psicanalistas: todos os gatos são pardos?

(...) Quero comentar uma novidade cada vez mais astuta: instituições chamadas psicanalíticas que têm como objeto de atração pastores evangélicos. Fenômeno interessante de analisarmos - historicamente, em nossas terras, sempre ocorreu um distanciamento dos pastores com relação à psicologia e à psicanálise em particular. Isso com base em premissas teóricas sérias, de ordem teológica ou epistemológica, ou por mera ignorância e preconceito. (...) Mas, agora, a psicanálise e a psicologia têm sido objeto do desejo para muitos pastores, o que está sendo apropriado por instituições. (...) Infelizmente, o caminho de formação e autorização - legitimação que estão buscando - levanta suspeitas de oportunismo, banalização e preguiça mental.

O conteúdo de algumas propostas parece refletir o ânimo missionário proselitista, próximo de uma compulsão. (...)

Até onde nossa legislação dá cobertura a estas iniciativas e por quais motivos as sociedades de psicologia e psicanálise com tradição de formação não se pronunciam a respeito? O que está sendo feito para resguardar a população de aventuras em nome da psicanálise?

(...) Vejo com preocupação e tristeza essas ocorrências. Suspeito de uma profunda crise de identidade de pastores e psicanalistas nesta pós-modernidade capitalista. (...) Meu temor é que a mistura dos campos Psi e Teo e a dupla militância de pastores venha a confundir ainda mais nossa população sobre o sentido do ministério pastoral. Será lícito a cobrança por parte de um pastor sobre o atendimento a um membro da igreja? Em que caráter um membro comum da igreja passa a ver seu pastor: psicanalista ou pastor de ovelhas? Analista ou um irmão diretor-espiritual com o qual se pode orar e invocar a Deus?

A mim como evangélico, psicólogo, e convivendo no meio profissional desde então, me ocorre uma profunda indignação com este modo de se lidar com a alma humana. Tenho orientado pastores desejosos de complementar sua formação teológica com a riqueza da ciência psicológica a que busquem um processo de formação insuspeito e se submetam, como qualquer mortal, a cinco anos de formação, sejam analisados e busquem supervisão. Mas, sobretudo, que busquem se firmar como pastor, se apresentem como pastor, buscando extrair sempre da Bíblia os modelos para a identidade e o trabalho pastoral.

Ageu Heringer Lisboa
CRP-06/09732

Psicologia organizacional

Reforço a carta encaminhada pelo profissional Antonio Jorge Barbosa Reis, publicada na última edição do *Jornal do CRP*, com relação ao enfoque dado a este jornal, definido em ser uma publicação da categoria profissional.

Sou formada pela Universidade São Marcos desde julho/82 e registrada no CRP-06, tendo iniciado na área de psicologia organizacional em janeiro/87 e hoje ocupando o cargo de gerente de recursos humanos.

(...) A atuação do psicólogo no momento atual é marcante nas empresas que se preocupam com o desenvolvimento de pessoas, para que estas saibam se conduzir-se e atuar como educadoras dentro do processo de sinergia e habilidade no trato com seres humanos. Hoje, os profissionais que ocupam posições de comando necessitam gerenciar pessoas, desenvolver-se para o papel de líderes e capacitar-se para serem gestores de mudanças, administrando conflitos, motivando equipe, sistematicamente.

O papel do profissional de psicologia poderá ser como técnico e como gerenciador, sendo a

variável determinante seu perfil pessoal, isto é, senso, engajamento, vontade, persistência e afinidade para uma ou outra posição.

Diz o ditado popular "querer é poder", porém, acrescento outro verbo no meio destes, ficando a frase mais consistente "querer e fazer é poder".

Falo tudo isto pois, além de estar alavancando para o conselho a necessidade de incluir matérias no *Jornal do CRP* direcionadas para o processo de aprendizagem destes profissionais que vem vindo aí, fazendo com que estes se preparem para ocupar postos de trabalho no mercado organizacional, quero também deixar a minha mensagem de que o espaço profissional é ocupado por quem tem capacidade, sendo esta desenvolvida através de esforço próprio, ultrapassando os obstáculos com os quais depara, sendo persistente e insistindo com conteúdo, fatos e dados, para o real aproveitamento de seus potenciais, independentemente de sexo.

(...) Devemos sim, nos preocupar em discutir o conteúdo de programa escolar, a legislação do país, as normas que norteiam os assuntos, as políticas envolvidas nas diversas áreas de atuação e, principalmente, provocar no ser humano a reflexão de seus atos, suas atitudes/comportamentos, seu desenvolvimento intelectual e emocional, seus princípios e valores, enfim, sua cultura pessoal. Que garantirá uma cultura nacional e conseqüentemente contributiva para o local em que vive e atua.

(...) Reforço minha solicitação para que o *Jornal do CRP* mude sua imagem de informativo voltado para profissionais das áreas de educação e clínica e que deixe à revelia matérias que não transmitam a energização para aqueles que as lêem.

Elenice Ferro
CRP-06/16245-5

Sugiro que no campo "cartas" o *Jornal do Conselho* dê respostas frente às opiniões, sugestões dos leitores, como forma de resgatar possíveis dúvidas.

Na edição de Julho/Agosto (nº 106) um leitor colocou que são poucos os artigos e as entrevistas sobre a área de recursos humanos, sendo que há um grande número de profissionais desta área e o *Jornal do CRP* não deu explicações por que isso acontece.

Parece que ficou um vazio sem ter a resposta do jornal. Sou profissional de recursos humanos e sinto-me como o colega que mencionou tal questionamento.

Silvia Regina Desuani
CRP-06/49796-1

Resposta do CRP - Agradecemos as críticas e sugestões dos colegas. Todas foram recebidas e acolhidas. O próximo número do *Jornal do CRP* estará publicando uma matéria enfocando da psicologia industrial, organizacional, da psicologia do trabalho. Gostaríamos, no entanto, de comunicar aos colegas que a comissão de Psicologia e Trabalho vem se reunindo periodicamente na sede do CRP. A próxima reunião será no dia 7 de novembro, às 10 horas, no Conselho. Todos os psicólogos interessados no tema podem participar. Algumas ações na área de psicologia do trabalho já foram desencadeadas e o CRP pretende dar continuidade ao trabalho. Venham e participem conosco.

As cartas à redação devem ser enviadas datilografadas para a sede do CRP, à Rua Borges Lagoa, 74 - Vila Mariana - CEP 04038-004 - São Paulo - SP. Por uma questão de espaço serão publicadas resumidamente, a critério da redação.

Conselho Regional de Psicologia

Conselheiros:

EFETIVOS: Augusto Sérgio Callile, Cláudia Medeiros de Castro, Cristina Amélia Luzio, Floriano Nuno de Barros Pereira Filho, Helena M. C. de Moura Hirye, Marcos Colen, Maria Costantini, Maria Cristina Pellini, Sérgio Luiz Braghini e Sidnei Celso Corocina.
SUPLENTE: Ana Maria R. de Carvalho, Anita Cecília

Lofrano, Cassia Regina Rodrigues, Cassio Rogério D. Lemmos Figueiredo, Dayse Cesar Franco Bernardi, Glória E. B. Pires von Buettner, José Roberto Tozoni Reis, Leny Sato, Luiz Humberto Sivieri, Nilma Renides da Silva, Roberto Moraes Salazar e Sonia M. Carrijo D'Angelo Ribeiro.

O *Jornal do CRP* é uma publicação oficial do Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região

Equipe Editorial: Marcos Colen, Sérgio Braghini e José Roberto Tozoni Reis
Jornalista Responsável: Juliana Motta
Redação: Juliana Motta/Juçara Braga
Revisão: Dinorah Ereno

Diagramação e Editoração Eletrônica: Digital Artes Com. e Edit. (011) 605-6098
Impressão: Bangraf
Tiragem: 38.000 exemplares
Periodicidade: Bimestral

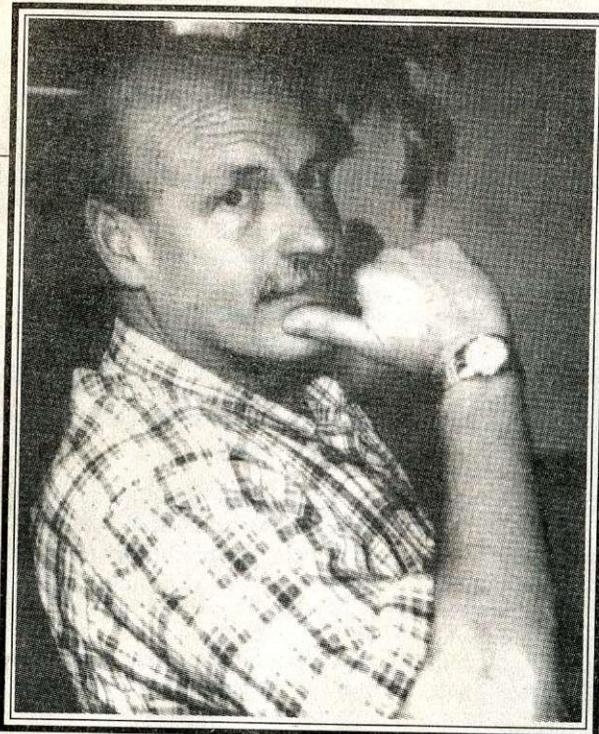
Sede: Rua Borges Lagoa, 74 - São Paulo - SP - CEP: 04038-004
Fone: (011) 574-7133 - Fax: (011) 575-0857

ENTREVISTA

Fernando Gonzalez Reis

Respeito à pluralidade científica

Foto: Márcia Zoet



Fernando Gonzalez Reis graduou-se em psicologia clínica pela Universidade de Havana, em 1973, tendo feito seus dois doutorados na então União Soviética, no Instituto de Psicologia Geral e Aplicada, de Moscou, e no Instituto de Psicologia da Academia de Ciências, também de Moscou. Desde que terminou sua formação, começou a trabalhar na Universidade de Havana. A prática clínica, no entanto, levou-o ao interesse pelo desenvolvimento de uma teoria da personalidade fora dos preceitos tradicionais em que até então havia sido compreendido o tema. Essa concepção foi evoluindo em duas direções básicas de pesquisa: uma sobre o desenvolvimento humano e a psicologia escolar e a outra sobre a psicologia clínica. Na clínica, saindo do conceito tradicional de doença mental, passou a pesquisar a configuração subjetiva das chamadas doenças somáticas.

Os desafios surgidos em suas pesquisas levaram ao questionamento e à ruptura com as concepções epistemológicas clássicas do positivismo e seu trabalho evoluiu para uma compreensão qualitativa da pesquisa psicológica, tanto na definição dos instrumentos quanto na própria definição do projeto de trabalho. Embora considere legítimos tanto o trabalho qualitativo quanto o quantitativo, chama a atenção para o fato de que o número nunca substitui a interpretação e a construção do pesquisador.

Nos últimos anos trabalhou em seus dois últimos livros, "Epistemologia Qualitativa e Subjetividade", publicado em Havana e no Brasil pela PUC, e "Problemas Epistemológicos da Psicologia", publicado em 1993 no México, uma reflexão dos processos de construção do conhecimento em psicologia. Continua pesquisando os problemas do desenvolvimento, da escola, da instituição, das doenças somáticas, além de estar trabalhando na construção de uma teoria da subjetividade em que pretende ultrapassar a discussão pura e simples da personalidade para discutir as questões da subjetividade social. Nesta entrevista, concedida ao Jornal do CRP, Gonzalez falou das e de outras questões.

CRP - Quais foram as questões que suscitaram no senhor o interesse pela Teoria da Personalidade?

○ PSICÓLOGO CUBANO, ESPECIALISTA EM EPISTEMOLOGIA, FALA SOBRE CIÊNCIA, SUBJETIVIDADE, ÉTICA E FAZ UMA AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DA PSICOLOGIA HOJE

Fernando - A psicologia, em Cuba, não apareceu à sombra de uma escola tradicional do pensamento psicológico. Quando comecei a interessar-me pelo assunto, tínhamos acesso a uma pluralidade de influências, à psicologia soviética, às teorias de Vigotsky, que agora é muito popular no Ocidente, sobretudo nos Estados Unidos, mas também mantínhamos um contato forte com a psicanálise, com o humanismo. Desse contato com a pluralidade surgiram aproximações singulares.

Naquela época, tínhamos uma concepção um pouco ideologizada da questão, estávamos convencidos de que a psicologia marxista era um escalão mais evoluído. Esta divisão em que as escolas da psicologia praticamente derivam de partidos políticos é uma das coisas que tento superar, embora o marxismo tenha tido importante influência sobre a psicologia.

Eu, por exemplo, sem dúvida tenho uma aproximação sócio-histórica forte na compreensão da psicologia, mas simultaneamente compatibilizo tentando desenvolver sobre a visão sócio-histórica uma concepção da subjetividade, que no meu entender foi um ponto fraco da concepção sócio-

histórica mais tradicional. Não em Vigotsky, mas em seus continuadores.

Penso que a ciência precisa ser polifacética, tem que ter diversas tendências, porque o pensamento humano não pode nunca ser sintetizado numa única linha. Mas a pluralidade em ciência tem que ser necessariamente dialogante. Os diferentes enfoques têm que ter aproximações, vários pontos de contato. E hoje, muitas vezes, rendemos um culto à ignorância, e não à cultura. O psicanalista não lê nada que não seja psicanálise, o behaviorista não lê nada que não seja behaviorismo. Acredito que a identificação dos psicólogos com as escolas é muito mais ideologizada do que por um vínculo crítico e reflexivo que permita desenvolver o pensamento. Às vezes, a adoção do esquema de uma escola, mais que facilitar o desenvolvimento do pensamento, fecha-o. Então você fica numa armadilha.

Quero fazer aqui uma distinção entre ideologização e ideologia. Todo conhecimento é ideológico, porque a ideologia é a maneira como mundo de sentido do ser humano, constituído numa cultura, numa sociedade determinada, em determinados sistemas de valores, está presente na constru-

ção do conhecimento. Portanto é impossível afastar a ideologia do conhecimento, o que era o ideal positivista da neutralidade do pesquisador. Para mim isso não existe. Falo em ideologização quando a ciência se fecha, quando sacraliza um conjunto de categorias e o converte em universal para compreender uma suposta natureza do ser humano. É o estabelecimento de categorias rígidas, fixas, invariáveis, onde se tenta incorporar ou forçar todas as formas do real a categorias preexistentes. É quando a ciência perde a capacidade de desenvolver novas categorias frente ao fenômeno que está estudando. E pretende esgotar o fenômeno em categorias definidas num momento anterior do conhecimento. Isso tem sido praticamente uma lei na psicologia.

Na minha maneira de ver, a subjetividade não aparece substancializada em nenhum tipo de atributo do ser humano. Não há vínculo que possa ser conceituado universalmente. A mãe, o pai ou a própria sexualidade constituem-se subjetivamente, dependendo do curso das experiências nesses vínculos e da qualidade das emoções que aparecem ao longo da história desses vínculos. Ou seja, na própria constituição qualitativa dos vínculos. A isso eu chamo sentido subjetivo, ou seja, o mundo da nossa experiência constitui a nossa personalidade através do tipo de simbolização, do tipo de emoções que aparecem no meu vínculo com esse mundo "objetivo". Porque o mundo nunca aparece totalmente como ele é, mas no sentido que ele tem para nós. A realidade está presente em nossas construções, sempre, através das estruturas de sentido que temos no momento, de tal maneira que permitem o diálogo com essa realidade.

CRP - Mas a ideologização do conhecimento é clássica na história da ciência. No seu entendimento esse é um movimento natural?

" Ideologização da ciência é tentar incorporar ou forçar todas as formas do real a categorias preexistentes "

"A subjetividade escapa a qualquer intenção de padronização final em categorias únicas ou categorias últimas"

Fernando - Isso é geral. É como a ciência se constitui numa estrutura subjetiva. Ela tem resistência pelo novo, por isso o conceito de paradigma. Mas a ciência teve uma mudança em termos epistemológicos muito forte com o desenvolvimento da mecânica quântica na física, quando apareceu uma ciência realmente complexa, que quebrou muitas estruturas do pensamento anterior. E, sobretudo, evidenciou que o mundo aparece em diferentes níveis de complexidade na medida em que mudam as próprias estruturas do pensamento para construir o mundo. Esse impacto da mecânica quântica praticamente não entrou em psicologia.

Uma coisa que muitos cientistas esquecem é que as construções e as categorias são um produto do pensamento humano, são uma ferramenta para construir um fluxo complexo ao qual se está pretendendo chegar. Nunca são uma verdade estática final. É como se fosse um diálogo permanente entre a realidade e o pensamento; cada nova construção do pensamento é uma extensão do conhecimento e, sobretudo, no fato de fazer inteligível um espaço do real. Mas não é uma expressão última desse real. É um diálogo em contínua movimentação. Mas, muitas vezes, as explicações em psicologia ficam muito presas a uma suposta natureza humana à qual se pretende chegar.

CRP - Qual é o conceito de subjetividade com que o senhor trabalha, já que há várias facetas percorrendo-o, inclusive de ideologias diferentes?

Fernando - Na minha maneira de entender, a subjetividade é um termo ontológico, uma forma do ser. Só que não é a forma observável, ou não é a forma dos fenômenos físicos. Ou seja, a subjetividade não é nem aquilo que não é, nem aquilo que dificulta conhecer o quê. É uma outra forma do ser, que tem a ver com estruturas de sentido, com os processos simbólicos, que tem a ver com a própria linguagem. Hoje, por exemplo, em psicologia há uma tendência muito forte de reduzir a subjetividade humana à linguagem. No meu entender, há complexos processos emocionais que não são mediatizados por estruturas de significação, mas por necessidades constituídas na própria história do ser humano. São processos muito complexos e, para mim, entre a significação e a emoção há, permanentemente, muitos pontos de integração, mas também há conflitos. O mundo do ser humano não é só o mundo do construído. Não é só o mundo do diálogo estabelecido. É aquele mundo que também se constitui na qualidade da experiência única que temos em termos emocionais sobre o qual não nos damos conta. Por isso, quando falo de subjetividade, faço uma distinção entre a personalidade como a constituição subjetiva do homem e o sujeito concreto, que produz representações, toma decisões, é ativo, muda

ENTREVISTA

permanentemente em função do espaço interativo onde está. A subjetividade engloba as duas coisas: a personalidade, a instância dos fenômenos constituídos, e o sujeito da construção permanente, que se constitui sobre sua própria personalidade e, simultaneamente se transforma, na medida em que se constitui.

As emoções aparecem como resultado da confrontação das experiências com o estado complexo de necessidade do sujeito. A qualidade dessa confrontação se expressa simultaneamente como emoção e como significação.

Eu não tenho uma concepção determinista de que as experiências da primeira infância já definem o ser humano. No meu entender a subjetividade é um sistema autorregulado que está em permanente desenvolvimento. E esse desenvolvimento tem muito a ver com a qualidade de suas experiências atuais e de suas próprias construções. Você participa da sua subjetividade. Só que a subjetividade não depende da sua construção racional. Ela está além, é bem mais complexa.

E a subjetividade não se esgota no indivíduo. Você tem um meio social que tem uma subjetividade, a que eu chamo social, onde está a religiosidade, estão os valores, as representações sociais dominantes, o consumo. Por exemplo, para uma pessoa que chega ao Brasil, vinda de uma cultura diferente, dá para perceber muitas coisas, tanto da sua realidade de origem, que a pessoa tinha como fatos conclusivos, como desta realidade em que o sujeito chega. Aí, dá para observar o quanto o homem está constituído num espaço cultural. Há valores que fazem parte da subjetividade social e que se expressam diferenciadamente no nível da subjetividade individual.

Por exemplo, Freud não estava errado na importância que deu à sexualidade. Ele estava errado em não compreender que essa importância tinha um valor histórico. Era um sentido da época daquele homem, daquela moral vitoriana, repressiva, censuradora, daquela classe média. Por isso o empírico não é a evidência. Pelo empírico, realmente a sexualidade está bem colocada na obra dele. Ele perdeu de vista que esse ser humano não é uma natureza, mas evolui na cultura. Então a sexualidade do tempo de Freud não tem o mesmo sentido subjetivo que a sexualidade de hoje, embora continue sendo um elemento constitutivo da subjetividade. Mas cada qual constitui a sexualidade de uma maneira diferente. Tem um sentido subjetivo diferente. E não homogêneo. Por isso, para mim, a subjetividade escapa a qualquer intenção de padronização final em categorias únicas ou categorias últimas.

CRP - O senhor refere-se a uma di-

nâmica. Neste final de século a psicologia vive uma crise de paradigmas, de objeto. Podemos falar que a própria subjetividade está em crise?

Fernando - Entendemos subjetividade como um sistema em desenvolvimento, que está engajado na própria cultura do ser humano, portanto, sem cultura não teria subjetividade, teria natureza. A subjetividade aparece como uma maneira de crescer e é uma expressão que muda qualitativamente com as mudanças da própria cultura. Ou seja, ela é parte da própria cultura. Essa cultura tem tido, ao longo da história da humanidade, pontos de ruptura. Portanto há crises consubstanciando o próprio desenvolvimento.

Estamos enfrentando, neste final de século, uma forte crise de valores, de perda do sentido da vida, de aumento da drogadição, de quebra de valores importantes como a família, o vínculo das comunidades com a solidariedade humana. É um desafio que, acredito, está muito associado à crise de um sistema que evolui para uma vertente economicista, em que o ser humano perde muitos valores. É uma crise bem complexa.

Acredito que a psicologia, diante não só desta crise, mas também diante das próprias contradições que tem como ciência e como prática, está num momento de contradição epistemológica como nunca esteve antes. Porque agora temos a emergência de várias epistemologias, ou de tendências que têm uma significação epistemológica para a mudança na maneira de fazer ciência. Como o construcionismo social, o construtivismo, os próprios desafios que o marco histórico e cultural apresentam na compreensão do homem, que vão colocando o problema além das concepções clássicas. E as próprias concepções clássicas têm evoluído nas suas preocupações epistemológicas. Por exemplo, aparecem todos os trabalhos referindo à hermenêutica e à psicanálise a retomar a figura de Heidegger na construção do pensamento psicanalítico, tudo o que tem envolvimento com a inclusão do termo "discurso" para a psicologia nas diferentes vertentes da psicologia.

Penso que, sobretudo, nossos psicólogos têm que encarar o desafio de que o sujeito que nós estudamos é um sujeito ativo, com vontade, com intencionalidade, com motivação, com pensamento. Que é sobretudo um sujeito da comunicação. E nós não podemos continuar pensando que pode ser atingido por instrumentos como, por exemplo, os testes, em que ele é um sujeito de resposta. Porque ele sempre está além da resposta. Ele é mais que um sujeito de resposta, é um sujeito da construção. Quando você me faz uma pergunta, o importante não é como o "estímulo" pergunta, dá lugar a um tipo de resposta. Porque quem responde não está respondendo linearmente a esse

estímulo. Está construindo sobre a sua experiência. Portanto sempre está além da pergunta. A pergunta é só um indutor para que o sujeito se expresse, se coloque. E isso gera a reflexão de que o problema não é quantificar as perguntas. A quantificação é importante quando nos permite uma informação que a análise qualitativa não nos dá. Mas quando o número substitui uma relação complexa, para simplificar uma conclusão, aí a quantidade está mal utilizada. E em psicologia, desafortunadamente, temos utilizado a quantidade para simplificar o objeto de estudo.

CRP - Como o senhor vê a influência desse método quantitativo utilizado pela psicologia quando levado para a educação?

Fernando - Todos os desenvolvimentos da psicologia causam impactos na educação, embora a instituição educativa esteja ainda nos preceitos do behaviorismo. Mas essa mudança de visão do próprio ser humano, que está acontecendo na psicologia vai, sem dúvida, encontrar uma expressão progressiva nos próprios desafios da educação. E por aí passa toda a compreensão da instituição educativa, a compreensão da educação como processo, a compreensão da aula como um cenário onde aparecem, direta ou indiretamente, fenômenos da subjetividade social em seu conjunto, o fenômeno do sujeito que aprende como sujeito íntegro e não só como um sujeito do intelecto. Este tem sido outro dos pontos fracos da psicologia: a grande fragmentação do próprio objeto. Refiro-me às dicotomias como afeto/cognição, consciente/inconsciente, social/individual. O desafio para que possamos compreender o termo subjetividade é o desenvolvimento de uma meta teórica capaz de ir integrando esses aspectos que são contraditórios, mas que aparecem coexistindo na natureza complexa do objeto da psicologia.

CRP - Dentro da linha de pesquisa que o senhor adota, estudando a configuração das chamadas doenças somáticas, seria um equívoco falarmos em sofrimento mental?

Fernando - Penso que há sofrimento psíquico. Sem dúvida há doenças que se organizam no nível da psique. Rejeito a idéia de identificar o conceito de doença pela sintomatologia, como faz a semiologia mais clássica, porque a doença é uma configuração, é um funcionamento do próprio sujeito. É possível ter uma configuração neurótica sem ter uma semiologia neurótica aflorada. Um sujeito que se sente inferior a si mesmo, que não dá conta de contrair vínculos profundos com os outros, que permanentemente fica infeliz, que não tem projetos de vida, que se sente esvaziado, é um sujeito que sofre, embora possa não ter ainda uma ansiedade estrutural. E tem uma configuração muito ruim no nível psíquico.

Mas, no meu entender, a doença é um processo que se constitui nos diferentes níveis do sujeito humano. Vamos citar como exemplo uma doença somática, o enfarte do miocárdio. Na configuração da maioria dos casos de enfarte há um foco de tensão incontrolável em alguns dos sistemas vitais do sujeito e, embora ele não tenha conhecimento dessa tensão que está experimentando, ela está atingindo o funcionamento do sistema cardiovascular. O mesmo acontece nos problemas gástricos, nas doenças respiratórias. Portanto, a enfermidade é sempre uma configuração de elementos diversos que,

"Agora temos a emergência de tendências que têm uma significação epistemológica no fazer científico"

ENTREVISTA

em seu conjunto, dão lugar a um estado de mau funcionamento que leva, em sua evolução, para a doença.

As vezes, há pessoas com sérios problemas em seu sistema de vida que não têm consciência desses problemas. Vão experimentar essas tensões como ansiedade. Por isso gosto de diferenciar o termo *stress* do termo ansiedade. Você pode estar produzindo uma qualidade emocional danosa para o seu organismo, atingindo um sistema somático, e não experimentar tensão particular. Isso ocorre porque, muitas vezes, nossas áreas de conflito entram em conflito com nossas próprias representações. Essa é uma das naturezas essenciais do conflito humano. Por exemplo, uma pessoa tem um forte conflito com sua mãe, mas também tem constituída a mãe em sua história pessoal como uma pessoa sacrificada, dedicada, o exemplo do carinho. Só que, simultaneamente com o carinho, a mãe tem desenvolvido muitos limites ao desenvolvimento de sua experiência pessoal, que têm sido fontes de tensão e de limitação ao desenvolvimento dessa pessoa. Ambas as coisas coexistem na constituição subjetiva da mãe. Só que a pessoa não traça os problemas de vínculo com a mãe porque essa representação angelical, sacralizada que tem da mãe, não permite que se dê conta de construir outros aspectos dessa experiência; aspectos esses que teriam que entrar no diálogo para tornar possível um vínculo mais sadio. Ou seja, paradoxalmente, essa figura que tem fornecido muitos elementos importantes para a vida dessa pessoa tem sido também parte da etiologia de um processo que leva à doença. Essa é a complexidade da subjetividade humana.

CRP - Outra tendência atual é a biologização dos fenômenos psíquicos. Como o senhor vê essas novas correntes da neurobiologia, tão em moda atualmente? Recentemente, uma das precursoras do construtivismo no Brasil disse que o avanço dessa teoria permitiria grandes descobertas na área da neuropsiquiatria.

Fernando - Do meu ponto de vista, isso é um grande erro porque o fenômeno psíquico, o fenômeno da subjetividade humana, nunca vai encontrar uma expressão linear por sistemas externos à própria subjetividade. Por isso eu sempre fui contra o conceito de personalidade epilética. A epilepsia é um fato da experiência. É uma doença, cujo sentido vai depender dos recursos que cada um tem para enfrentá-la, da riqueza que tem como ser humano. É assim que a epilepsia vai entrar na constituição da subjetividade. Ela não entra linearmente para definir uma personalidade epilética.

O mesmo acontece com outras doenças. Elas podem ter um conteúdo genético, mas a genética nunca vai explicar linearmente o fenômeno porque ele se constitui em um nível bem mais complexo e que é configuracional, termo que eu utilizo muito para dar conta da pluralidade de fenômenos que se interconectam na definição da subjetividade humana. Você pode ter um elemento genético, mas ele nunca vai linearmente converter-se numa subjetividade, porque passa pela mediação de outros elementos muito complexos.

Então, ter a expectativa de que os processos complexos da psique, da subjetividade, vão se explicar biologicamente, para mim é um reducionismo que, de uma maneira ou de outra, tem estado presente na psicologia até hoje. É por isso que eu falo: a subjetividade como fenômeno depende bem mais da

cultura, das necessidades, das emoções. Os processos de informações simbólicas de significação que estão engajados permanentemente com a expressão humana dentro da cultura são essenciais na definição da subjetividade.

Quanto à questão do construtivismo, penso que há muitos construtivismos. Há o construtivismo crítico, que não tem essa tendência biologicista. Há um construtivismo social, que aponta muito mais a construção do fenômeno humano, porque uma das críticas que foi e é feita ao construtivismo é o fato de ele preconizar que o sujeito, pelo exercício de suas superações individuais, vai se desenvolver fora de um espaço de comunicação que realmente dê sentido à sua própria expressão. Estou me referindo a esse individualismo metodológico que às vezes aparece na aplicação mecânica do construtivismo na educação, defendendo que basta deixar que o sujeito expresse operações e ele vai se desenvolver. Não, você tem que tê-lo situado num terreno de comunicação que realmente estimule seu crescimento. Que realmente potencialize e oriente sua capacidade de se expressar.

CRP - Hoje temos todo um direcionamento para o bem-estar. Faz-se de tudo para que o sujeito não sofra. Como esta ética interfere nas concepções de saúde?

Fernando - Com relação a essa dicotomia sofrimento/bem-estar, tem-se chegado a um extremo que tem derivado uma concepção de saúde que esteve muito presente no próprio movimento humanista, em que parece que a saúde é o comportamento perfeito do ser humano. O sujeito tem projetos, interesses sadios, nunca tem uma pequena perversão. Penso que essa é uma imagem um pouco deformada do bem-estar. Realmente, a saúde, como processo, está bem mais envolvida com a produção permanente de sentido da vida em diferentes caminhos do que com a ausência de sofrimento. Temos que experimentar dor, temos que experimentar contradições. O crescimento humano passa pela luta, pela contradição. E pela definição de objetivos próprios, pela personalização do caminho da vida. Tais processos não são lineares, não são um prazer ou um bem-estar permanente no nível emocional, mas são processos de sentido. O ser humano quando mantém um sentido, um projeto, uma personalização e se sente sujeito de sua própria expressão está em um processo sadio.

Por exemplo, não tem o mesmo sentido subjetivo um conflito do qual você não tenha consciência da natureza e não o enfrenta com outro que você esteja enfrentando e tentando dar conta em sua própria ação pessoal. O drama desses dois tipos de conflito é diferente porque seu sentido é diferente. Você

pode ter um conflito com sua mulher, com sua mãe ou com seu pai. Mas se você está levando-o ao cenário da comunicação, da reflexão conjunta, os envolvidos vão evoluindo nesse diálogo e, nessa construção, o conflito chega a deixar de ser um conflito. Mas quando essa dimensão permanece oculta a você, que não é sujeito da expressão, você pode experimentar menos "sofrimento", mas vai experimentar maior doença. Porque esta é uma situação que solapa o sentido, mas atinge as tensões derivadas do mal-estar, embora você não se sinta mal para alcançar o seu próprio funcionamento somático.

Por isso, penso que as conseqüências para a saúde têm mais a ver com o sentido que as coisas têm para o sujeito do que com a pontualidade do tipo de emoção que se produz num momento do desenvolvimento. Porque as emoções são diversas. Todo vínculo humano, toda experiência humana tem que passar por uma diversidade emocional. Não podem ser homogêneas. Essa homogeneidade não existe, é impossível.

CRP - Isso traria modificações não só nas formas de atendimento, mas também permitiria mapear um conceito de saúde pública, coletiva. O senhor participa da experiência de Cuba, onde a psicologia foi um dos setores que mais se desenvolveram. O que pode trazer de contribuição para nós no Brasil em termos desses modelos públicos de atendimento?

Fernando - Cuba tem uma experiência interessante, pois a psicologia no setor hospitalar mantém um departamento próprio. Não depende da psiquiatria, nem está subordinado a outro corpo. O psicólogo trabalha multidisciplinarmente até nos níveis de interconsultas, como por exemplo no serviço de cardiologia nos hospitais gerais. Outro ponto forte da saúde em Cuba é o fato de que a prevenção e a promoção não são vistas só como uma obrigação de o profissional dar conselhos à população. Precisamos dinamizar as forças vivas da comunidade, da instituição, para realmente atingir os alvos que estamos propondo em termos de mudança da qualidade de vida, o que é a verdadeira promoção de saúde. Precisamos viver de um jeito que evite a doença. Por exemplo, quando você trabalha na educação eliminando o medo dos meninos, a baixa auto-estima, a insegurança, você está coadjuvando a saúde desses meninos. Porque uma boa educação é uma forma de promoção de saúde. A saúde é uma qualidade da educação também. Acredito por isso que temos que romper com a setorização em que a saúde está aqui, a educação está ali, o trabalho acolá. Estou pensando em termos institucionais.

Na psicoterapia, penso que a concepção do desenvolvimento da subjetividade significa a mudança do outro através do diálogo,

"Temos que romper com a setorização em que a saúde está aqui, a educação está ali, o trabalho acolá"

da criação de um espaço em que a reflexão e as emoções que aparecem permitam refazer um pouco a estrutura onde, num determinado momento, se ancorou um conflito que parecia insolúvel. Então a psicoterapia deve sobretudo procurar a qualidade e o desenvolvimento da comunicação e do diálogo fluido entre o terapeuta e o sujeito em terapia e não a aplicação de modelos preexistentes que estão na cabeça do terapeuta. Considero equivocado pensar que a mudança ou a "cura" é um processo que responde a um só esquema que está na mente do terapeuta. Não podemos padronizar o ser humano, e a terapia tem que enfrentar o desafio da unicidade do sujeito que a está recebendo. Um processo de terapia envolve dois sistemas de significado num diálogo que modifica ambos, o do terapeuta e o do sujeito que chega.

CRP - Esse é o desafio para que não se caia no discurso da unificação empobrecedora. O mesmo raciocínio pode ser transposto para a realidade das equipes interdisciplinares. Os conceitos atuais de interdisciplinaridade têm levado a psicologia a ficar a reboque de outras disciplinas. Como o senhor vê tal situação?

Fernando - Durante muito tempo, a psicologia realmente se viu num lugar secundário em relação a outras disciplinas, por exemplo, à própria medicina. Em alguns lugares, essa situação ocorreu até mesmo em relação à pedagogia.

Penso que se a psicologia não desenvolve seu espaço próprio, suas conceituações e potencialidades metodológicas, não pode entrar em nenhum tipo de vínculo interdisciplinar porque outras ciências a engolem. Toda integração supõe o desenvolvimento das disciplinas que se integram, para que se possa tirar projetos mais abrangentes e que permitam a construção a partir da diversidade de momentos ou de vias pelas quais se vai chegar ao fenômeno estudado. Inclusive, a emergência da lingüística, o desenvolvimento de todos os processos semióticos, como na semiótica de Pierce, por exemplo, chegou a muitos psicólogos, que passaram a ver a psicologia ou a subjetividade somente como processos da semiótica ou como processos da própria linguagem. Penso que esse movimento ainda hoje é muito forte, não se pode falar em passado.

CRP - Essa subordinação não se manifesta, em parte, como conseqüência de, em muitos casos, a psicologia querer "curar" desde a unha encravada até a psicose mais profunda?

Fernando - Claro, porque também existe a psicologização do fenômeno. Penso que não se pode explicar a psicose, por exemplo, única e exclusivamente a partir da psicologia. As psicoses têm, como toda doença, uma configuração complexa. E tem fatores muito diversos que não respondem à simples psicologização do fenômeno.

"Você pode produzir uma qualidade emocional danosa para o seu organismo e não experimentar tensão particular"

COMPORTAMENTO

A exclusão e seus mecanismos

SOCIEDADE SE OMITTE FRENTE A PROBLEMAS E CONTRADIÇÕES

A sociedade assistiu perplexa, em abril último, a cinco jovens de classe média atear fogo no índio pataxó Galdino, na madrugada em que dormia no banco de um ponto de ônibus em Brasília. Às vésperas das comemorações do Dia do Índio, o triste episódio mobilizou organizações voltadas para a defesa dos direitos humanos. O debate saiu dos jornais e ocupou as salas das casas dos brasileiros. Tamanha atrocidade abalou a população, que condenou o ato e cobrou das autoridades a punição dos assassinos, ao mesmo tempo que, curiosa, perguntava-se sobre as razões que levariam jovens de classe média, com casa, família e oportunidades que uma parcela grande dos brasileiros da sua faixa etária não tem, a cometer tal crime. A violência, nesse caso, não era fruto da miséria nem obra da indústria do tráfico de drogas, mas uma atitude mesquinha e preconceituosa, resultado, pode-se dizer, da omissão da própria sociedade frente a seus conflitos e contradições. A sentença da juíza que se encarregou do caso classificou o crime como agressão seguida de morte, e os estudantes responderão por homicídio culposo, e não doloso (intencional), como queriam a Promotoria e parte da sociedade civil.

A condescendência do Poder Judiciário, nessa história, é mais um exemplo do descaso com que freqüentemente os grupos sociais menos favorecidos são tratados. Depois de cometerem ação tão bárbara, os estudantes de Brasília declararam que não sabiam se tratar de um índio. Como se fosse plausível sair pelas ruas de madrugada queimando seres humanos na tentativa de despertar emoções em vidas sem sentido. Sobre a desculpa dos garotos, a julgar pela sentença proferida, fica uma reflexão: se não



pesou na decisão, pelo menos encontrou eco no tribunal. Teria também a representante do Poder Judiciário cedido ao irresistível impulso de banalizar atos de crueldade cada vez mais freqüentes entre cidadãos comuns? Todos os dias, moradores de rua são queimados nas capitais do país e a sociedade, nesse caso, simplesmente desvia o olhar diante da cena corriqueira, e silencia. Das duas minorias, mendigo e índio, a última ainda leva vantagem sobre a primeira por mobilizar instituições brasileiras e internacionais, ligadas ou não a órgãos oficiais, que lutam pelas causas indígenas. Quanto aos moradores de rua, geralmente conseguem despertar em parte da população apenas repulsa, indiferença, medo ou pena.

O desejo inconsciente de eliminar os frágeis tem seus fundamentos nos mecanismos psíquicos mais primitivos do homem. Uma das teorias que explicam em parte esse comportamento foi chamada por Freud de narcisismo das pequenas diferenças: ao deparar com aquilo que lhe parece diferente ou desconhecido, o indivíduo sente medo e atribui ao outro as causas de seus

males. A identificação se dá entre os que possuem semelhanças culturais, raciais e ou econômicas, através da formação de grupos sociais aparentemente homogêneos. E a discriminação ocorre inevitavelmente contra aqueles considerados por esse grupo dominante como sendo estranhos, fracos ou inaptos. “O estrangeiro é então visto como ameaça e, por isso, banido”, explica Sueli Damergian, professora do Departamento de Psicologia Social da USP. Também favorece o surgimento de movimentos xenófobos, como os que ocorrem na Europa e nos Estados Unidos contra asiáticos, negros, árabes ou no Sudeste brasileiro com relação aos nordestinos. “Uma educação mais humanitária poderia ajudar as pessoas a refletir sobre a dor e não temer o que não compreendem, nem premiar somente aqueles que se destacam pela força”, adverte o psicólogo José León Crochik, também professor do Instituto de Psicologia da USP.

As raízes desse comportamento frio e pouco solidário podem até depender do tipo de formação psíquica de cada indivíduo, mas é o

poder público que reforça a prática da exclusão. “É comum atribuir aos excluídos a causa da sujeira, baderna e violência nas cidades, desviando a atenção das pessoas para as reais causas desses problemas”, lembra Sueli. No Brasil, as razões econômicas realmente contribuem para a propagação dessa frieza perante os problemas sociais. Hoje, segundo dados do IBGE, são cerca de 60 milhões de pobres e a metade dessa população vive em situação de completa miséria. Sem ter como participar do mercado de consumo, a eliminação desses indivíduos pode ser vista por alguns como a possibilidade de diminuição, isso sim, do ônus do Estado. “Acaba sendo uma forma de limpeza étnica”, diz Sueli. Para a psicóloga, a total desconsideração dos governos e da sociedade pelos grupos que não são capazes de consumir — em vez de produzir lucro oneram o sistema social do Estado — faz aumentar ainda mais o contingente de excluídos no país. Esse grupo de despossuídos ainda recebe, todos os dias, uma massa de desempregados que antes fazia parte do que se costuma chamar de classe média. Aumentam com isso as pressões sociais, ao mesmo tempo que sentimentos de impotência e de fracasso contaminam essas pessoas. Aí está, segundo Sueli, um fenômeno típico das sociedades de exclusão: “Dominados acabam acreditando no que os dominadores divulgam a seu respeito e sentem culpa por se tornar um peso para a sociedade”.

Viver em São Paulo talvez seja um bom exercício para aprimorar o indivíduo na arte da frieza. São mais de 15 milhões de habitantes lutando contra o desemprego, o transporte coletivo precário, a poluição e a violência, só para enumerar alguns dos principais pro-

COMPORTAMENTO

blemas que afetam as grandes cidades. A isso junta-se a falta de planejamento urbano, que, além dos pobres, exclui também os deficientes físicos, os idosos, os portadores de sofrimento mental, os dependentes de assistência médica pública e outras tantas minorias. O crescimento do número de moradores de rua parece não mais comover a população que cruza as esquinas da cidade diariamente. Mas por trás dessa imagem triste da miséria humana esconde-se no entanto um universo de solidariedade que não aparece. São pessoas comuns, de profissões diversas, que emprestam uma parte do seu tempo para amenizar o sofrimento desses excluídos. "Tudo isso ainda não explodiu porque tem muita gente que ajuda", conta a historiadora Lucília Siqueira.

Em julho, a historiadora participou como voluntária de atividades com crianças que vivem nas ruas, sob coordenação da Pastoral do Menor. Durante os 12 dias de suas férias, Lucília acompanhou as crianças que frequentam o Centro Comunitário da Criança e do Adolescente, instituição mantida pela Pastoral do Menor e pela Prefeitura de São Paulo, conversou com os meninos que vivem nas ruas do centro da cidade e conheceu vários projetos que prestam assistência a essas crianças. Tais iniciativas são geralmente mantidas pela igreja ou com dinheiro de instituições internacionais. "O ambiente das crianças de rua, ao contrário do que muita gente pensa, é muito alegre", relata a historiadora. Sem fazer apo-

logia da pobreza, Lucília sabe que a experiência significou um aprendizado importante. Sob o ponto de vista cultural, o contato com as crianças lhe revelou um mundo desconhecido, cujo acesso não se obtém nos livros nem através da mídia. Segundo a historiadora, compartilhar do cotidiano desses menores a ajudou a se despir de preconceitos e a entrar no universo do outro, sem medo. "As pessoas esquecem que dá felicidade poder contribuir para a humanização da sociedade", confessa. Para a professora, o discurso das classes dominantes torna banal os problemas sociais que estão a nossa volta. Tudo isso para criar no indivíduo a falsa impressão de que não dói assistir às condições precárias em que vivem os despossuídos. "Ao contrário, dói muito e fazer algo a respeito alivia", desabafa.

Para o psicólogo León Crochik, ao tomar contato com a própria dor, os indivíduos tornam-se capazes de refletir, por exemplo, sobre as consequências de suas ações para a coletividade, "aumentando sua tolerância tanto em relação à violência sofrida, como àquela que ele possa vir a exercer sobre o outro", acrescenta ele. Ao assimilar os princípios da cidadania, as chances de a sociedade produzir monstros como os garotos de Brasília certamente serão menores. "Só o pensamento crítico poderia libertar as pessoas dos preconceitos", concorda a professora Sueli. "Perdemos todos que não frequentamos lugares sociais diferentes daqueles aos quais estamos acostumados. É muito legal poder sentar com uma

criança de rua e deixar que ela também nos ensine coisas", relata a professora Lucília.

Como mostra a historiadora em seu depoimento, o contato com dramas sociais não traz somente experiências doloridas. Possibilita também muita troca. A terapeuta ocupacional e artista plástica Maria Regina Margini Marques, montou, há oito anos e meio, um ateliê para receber pacientes psicóticos que encontravam dificuldades para se vincular a atividades fora da clínica psiquiátrica. A idéia não era produzir arte do alienado, nem arte-terapia, mas instrumentalizar essas pessoas para que, através de suas produções artísticas, pudessem sair da margem e se inserir no mundo. E também contribuir para mudar o olhar que a sociedade tem em relação à loucura. O projeto cresceu tanto que as oficinas também se abriram para não psicóticos interessados em assimilar as técnicas aplicadas e em trocar experiências com o grupo, independentemente de sua condição psíquica. "A experiência mostrou que, respeitadas as diferenças entre 'loucos' e 'não loucos', parcerias são possíveis na realização de projetos artísticos comuns", conta Maria Regina.

O trabalho que realiza, com a ajuda de artistas plásticos que convida para as oficinas, e claro, graças aos frequentadores dos cursos, permite a realização de encontros de criação e de busca. "Um dia, uma paciente me perguntou se o nome Bricoleur foi escolhido porque eu pretendia fazer com ela o que fazíamos com os materiais recicláveis", conta Maria Regina. "Foi emocionante", acrescenta.

Assim como o material oriundo de objetos que já perderam a função, como papelão, latas, madeira, também o "louco" — talvez a versão mais acabada do excluído — pode se articular através da arte, não como um "louco", mas como uma pessoa capaz de se reconhecer, surpreender-se consigo mesmo e surpreender o outro. Agora, a artista plástica empresta sua técnica para grupos marginalizados que vivem pelas ruas de São Paulo: os catadores de papelão. Essas pessoas vivem da venda de materiais reaproveitáveis que recolhem pela cidade. Maria Regina, através da Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis, organizou como voluntária uma oficina para ensinar esses trabalhadores a agregar valores a sua atividade. A confecção de objetos valorizados, como agendas, luminárias e até móveis, pode garantir a essas pessoas uma renda um pouco melhor do que aquela que normalmente conseguem como catadores de papel. Nessa primeira oficina, os alunos provaram que necessidade e criatividade realmente são compatíveis. Após aprenderem sobre o melhor aproveitamento do papelão e de como aumentar sua resistência, não tardou para que cada um deles elaborasse um projeto funcional para construção de uma casa de papelão, bem mais do que útil para quem mora na rua. "Quero montar uma oficina permanente com moradores de rua. Além de poder ajudá-los, dá para aprender muito nesses encontros", diz Maria Regina.

CONCURSO PÚBLICO

Conselho interpela Tribunal de Justiça

O concurso público para a seleção de psicólogos judiciários da Comarca da Capital, realizado em março de 1995, teve seu prazo de validade prorrogado até o dia 1º de junho de 1999. A informação é do juiz assessor da presidência, Roberto Solimene, em ofício do dia 17 de setembro ao Conselho

Regional de Psicologia. No mesmo documento, o juiz informa também que não há "previsão para nova chamada tendo em vista os estudos de reorganização do Quadro deste Tribunal".

O documento enviado ao CRP veio em resposta a ofício enviado pelo conselheiro-presidente, Sidnei Celso

Corocine, ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo solicitando informações sobre o referido concurso para preenchimento de 21 vagas de psicólogo judiciário. No documento, Corocine interroga o Tribunal, na pessoa de seu presidente desembargador Yussef Said Cahali, sobre a possível prorrogação da

validade do concurso e sobre a previsão de convocação dos classificados. Segundo Corocine, o Conselho enviou o ofício motivado por inúmeras consultas chegadas ao Centro de Orientação de psicólogos classificados em todas as etapas do concurso, mas que não foram chamados.

Psicólogos comemoram s



Em São Paulo, os profissionais comemoraram o Dia do Psicólogo inaugurando sua nova sede. Acima, exposição de esculturas e pinturas. Ao lado, uma amostra dos espetáculos teatrais que mobilizaram a platéia, com muitas pessoas subindo ao palco para participar.

MAIS DE 1500 PSICÓLOGOS COMPARTILHARAM AS FESTAS EM COMEMORAÇÃO AO 27º ANIVERSÁRIO DA DATA. A DATA FOI FESTEJADA COM COQUETES, PINTURAS E ESCULTURAS ALÉM DE SHOWS TEATRAIS.



RIBEIRÃO PRETO: momento de descontração entre um espetáculo e outro

BAURU: os psicólogos aproveitaram a festa para conversar e reencontrar os amigos



eu dia em todo o Estado

RECERAM
DE AGOSTO.
XPOSIÇÕES DE
RAIS E MUSICAIS.



TAUBATÉ: a dança do ventre chamou a atenção dos participantes da festa.



SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: os psicólogos cantaram e encantaram a platéia num divertido show improvisado



SANTO ANDRÉ: entre o encontro com amigos e shows, a descontração e uma parada para apreciar o trabalho de colegas

CAMPINAS: Momento de descontração no encontro entre colegas



SANTOS: as pinturas produzidas por psicólogos chamaram a atenção do público

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Nações Unidas recrutam voluntários

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) está recrutando voluntários de todas as áreas de atuação para ingressar em seus quadros. São profissionais de nível médio e superior que irão trabalhar em países estrangeiros e, em contrapartida, vão aprimorar sua formação profissional. Segundo informações de Déa Maria Menezes, psicóloga que participa do programa e orienta os candidatos em São Paulo, os voluntários recebem um salário mensal, despesas de viagem de ida e volta para o país de atuação e um prêmio de reinstalação no país de origem ao final do contrato. Déa informou também que os contratos são assinados por no mínimo um ano e duram em média dois anos, podendo ser renovados ao final deste prazo.

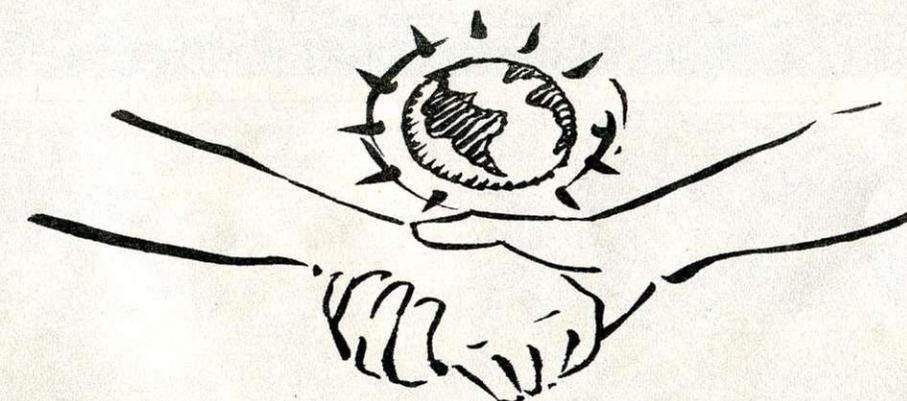
A idade mínima para ser voluntário é de 21 anos, não havendo limite máximo. Há exigência de conhecimentos em português e uma língua estrangeira, que pode ser inglês, francês ou espanhol. Os Voluntários das Nações Unidas (VNU) são, em sua maior parte, de países industrializados e são enviados para trabalhos fora das grandes cidades, ficando a maior parte do tempo em pequenas cidades e aldeias isoladas de países que enfrentam circunstâncias e crises imprevistas que requerem apoio humano e técnico.

PROFISSÕES

Fechado o Conselho de Terapia

O Conselho Federal de Terapia, que reúne profissionais de acupuntura, cromopuntura, regressão, arteterapia e outros, está com as atividades suspensas desde agosto deste ano. A suspensão foi determinada por liminar do juiz da 8ª Vara da Justiça Federal de São Paulo, Uilton Reina Cecato, que proíbe que a entidade publique material de propaganda, patrocine cursos, use símbolos como o brasão da República ou desenvolva quaisquer outras atividades privativas de um conselho profissional. A ação civil foi proposta pelos Conselhos Regional e Federal de Medicina junto ao Ministério Público.

A mesma ação pretendia interromper as atividades do Sindicato dos Terapeutas, mas o juiz Cecato, que concedeu a liminar proibindo o funcionamento do Conselho, se manifestou contrário, alegando que o sindicato está regularmente registrado no Ministério do Trabalho.



Um bom exemplo de países que recebem os VNU são aqueles devastados por guerras que precisam ser reconstruídos, como o Afeganistão, a Namíbia e o Kampuchea. Atualmente, os Voluntários das Nações Unidas (VNU) somam mais

de 1.600, trabalhando em aproximadamente 100 países do mundo. Os interessados devem procurar maiores informações com Déa Maria Menezes no telefone (011) 234-5233 (à noite), pelo telefax (011) 605-3948, ou pelo E-mail: dmmeneze@uol.com.br

MOÇÃO DE APOIO

Franco da Rocha apóia encontro de psicologia

O presidente da Câmara Municipal de Franco da Rocha, Gilson Gabriel da Rosa, apresentou à Casa, na sessão do dia 19 de agosto, uma moção de congratulações ao I Encontro de Psicologia de Franco da Rocha, realizado em agosto. O documento, aprovado por unanimidade, apresentava a seguinte justificativa:

“É justa a homenagem que ora prestamos a esse profissional da área da saúde, que desenvolve tão importante trabalho junto à população.

Trata-se de grande valia esse I Encontro de Psicologia, levado a efeito em

Franco da Rocha, onde vários temas e assuntos foram abordados com maestria pelos insígnis conferencistas.

A psicologia foi tratada de maneira atual e a sua importância para uma geração hoje conturbada pelas incongruências da sociedade hodierna e a luta pela sobrevivência de cada ser humano, que gera conflitos internos e externos num mundo conturbado, irracional, belicoso e materialista, onde não há mais sentimento e compreensão dos homens.

Torna-se, portanto, importantíssimo o I Encontro de Psicologia de Franco da Rocha.”

CRP-05 NA INTERNET

O CRP-05 está integrado à maior rede de informações do mundo.

Os milhões de usuários que usam a Internet já podem navegar na Home Page dos Psicólogos. Neste *website* você encontrará informações ligadas à profissão de psicólogo, diversas opções para pesquisa, *links* importantes e interessantes, os últimos acontecimentos sobre aperfeiçoamento profissional, além de teses e trabalhos científicos. Para conhecer basta acessar <http://www.netrio.com.br/crp05>. Digitando este endereço eletrônico o profissional terá acesso às atividades do Conselho Regional de Psicologia - 5ª Região, encontrando ainda as Resoluções do Conselho Regional, a legislação básica, Lei 4.119 e 5.766, o Código de Ética, as Deliberações do II Congresso Nacional de Psicologia e muitas outras informações. Em *crp05 on line* você navegará nos diversos campos: Jornal Argumento, o CRP-05 por dentro (Diretoria, Plenária, Comissões, funcionamentos), agenda de eventos, atendimento aos psicólogos, endereços interessantes (faculdades, centro de pesquisa, livrarias etc), bolsa de empregos (currículos resumidos on line) e novidades. A home page foi pensada e desenvolvida para o Psicólogo e para todas as entidades ligadas à Psicologia. Estamos apenas iniciando na Internet e, portanto, seu comentário, sua sugestão ou sua crítica são essenciais para nós. Contribua! Acesse *crp05 on line* e envie sugestões através do e-mail: crp05@netrio.com.br.

AGENDA

Psicologia aplicada à cardiologia - O Incor realiza, dias 17 e 18 de outubro, no Centro de Convenções Rebouças, sua 2ª Jornada científica do Módulo Psicologia Aplicada. O tema central do evento neste ano será “Coração: vida e morte, um desafio para pacientes e equipe”. Serão discutidas questões como doação de órgãos, atuação do psicólogo em UTI, trabalho em equipe multiprofissional junto a pacientes graves e a crianças diante da morte. Maiores informações com a Comissão de Ensino do Instituto do Coração pelo telefax (011) 3069-5310.

Drogas - A International Harm Reduction Association realiza, de 15 a 19 de março de 1998, no Brasil, a 9ª Conferência Internacional de Redução de Danos Causados pelas Drogas. No temário básico constam palestras sobre Álcool e Tabaco, Anfetaminas e outras drogas letais, HIV e Aids, Mulheres e Drogas, Organização dos Usuários de Drogas, Prevenção, Prescrição, Tratamento para Usuários de Drogas, Redução de Danos em Países em Desenvolvimento e outros. A data-limite para apresentação de trabalhos é 31 de outubro de 1997 e a notificação de aprovação ou não dos trabalhos apresentados será posta até o dia 31 de dezembro de 1997. Os interessados em enviar trabalhos ou participar como ouvintes devem procurar o seguinte endereço: 9th International Conference on the Reduction of Drug Related Harm - Organização de Eventos Rebouças, à Av. Rebouças, 600, São Paulo - SP - CEP 05402-000.

Psicologia Jurídica - Estão abertas as inscrições para o I Seminário Nacional de Psicologia Jurídica, que acontece de 24 a 25 de outubro, em São Paulo. Serão discutidos temas variados da área. A taxa de inscrição é de R\$ 30 para profissionais e R\$ 15 para estudantes. Maiores informações pelo telefone (051) 477-9166.

Luto - II Jornada sobre o Luto é o nome do encontro que acontece na PUC dias 28 e 29 de novembro, quando será discutida a importância do luto no contexto social. O evento é promovido pelo LELU (Laboratório de Estudos sobre o Luto da PUC) e terá 50 vagas. As inscrições custam R\$ 40,00 para profissionais e R\$ 25,00 para estudantes. Em paralelo à Jornada estará acontecendo no dia 29 de novembro um workshop sobre luto entre profissionais, com inscrições a R\$ 25,00. Informações sobre os dois eventos: (011) 873-3763 com Vera.

Saúde Mental - O I Fórum de Saúde Mental Pública de Presidente Prudente acontece dia 17 de outubro, no anfiteatro I da Unesp à rua Roberto Simonsen, 305. O evento destina-se a profissionais da rede pública, autoridades, conselheiros e usuários de saúde e população em geral. E visa promover ampla discussão sobre as políticas em saúde mental para subsidiar a elaboração e implantação de um programa para o município. As inscrições terão início às 13 horas e o evento tem abertura marcada para as 13h30.

MÍDIA

CRP questiona Revista VEJA

O CRP enviou carta à Revista VEJA, em agosto deste ano, por ocasião da publicação das matérias "Navegando num mar de profissões" e "Tirando dúvidas de última hora", questionando as informações prestadas sobre a profissão de psicólogo. Em ofício anexo, o CRP solicitou a publicação de seu documento na seção Cartas da Revista, não tendo sido atendido. Em setembro, a Revista Veja respondeu ao Conselho, mas, ainda assim, não publicou as críticas dos psicólogos.

Leia a seguir a carta enviada para a Revista pelo Conselho e a resposta:

Ao diretor de redação da Revista VEJA

Prezado senhor,

Ao lermos as matérias "Navegando num mar de profissões" e "Tirando dúvidas de última hora", vemos que escolher uma profissão não é tão simples quanto adquirir uma revista.

Embora importante nesse momento em que se inicia o grande mercado de inscrições e manuais, o box dedicado à Psicologia mereceria um melhor esmero. Sem grandes inovações, bastaria recorrer ao Guia do Estudante/98 deste mesmo grupo editorial para que pudessem expor as funções e atividades que um psicólogo pode realizar em nossa sociedade.

Justamente neste 27 de agosto, quando será comemorado os 35 anos de regulamentação da profissão, temos mostrado o quanto muitos dos aspectos íntimos da vida particular das pessoas estão relacionados com as mudanças sociais ocorridas em nosso tempo.

Vilipendiada talvez pela má qualidade dos cursos de várias universidades, publicamos em recente pesquisa – encaminhada anteriormente a esta redação – que os melhores cursos profissionais dão ao futuro psicólogo uma melhor

oportunidade de trabalho e ganhos pessoais.

Nossa recomendação aos que pretendem cursar psicologia: pesquisem sobre os melhores cursos universitários!

Em tempo, os psicólogos tam-

bém, entre outros sintomas, sabem lidar com o que atualmente chamam de síndrome de pânico, esquizofrenias, neuroses e, inclusive, de viciados em remédios.

Conselho Regional de Psicologia - São Paulo

Resposta da Revista VEJA

Prezado leitor,

Em primeiro lugar, queremos agradecer suas observações valiosas para o aprimoramento do nosso trabalho. Em segundo lugar, gostaríamos de esclarecer que o objetivo da reportagem "Tirando dúvidas de última hora" era montar um guia para o jovem que está prestes a escolher uma profissão e não mostrar um panorama abrangente sobre as carreiras existentes no mercado. Mesmo porque não tínhamos espaço para isso. VEJA pesquisou as carreiras mais promissoras depois da formatura. Nessa lista, algumas profissões foram deixadas de fora e, outras, como é o caso da psicologia, tiveram seu campo de atuação resumido. Sabemos que o campo de atuação do psicólogo não se restringe às atividades clínicas. E não publicamos isso. O texto diz, apenas, que essa atividade é a mais procurada pelo recém-formado. De qualquer forma, agradecemos o interesse por VEJA.

Atenciosamente,

Ana Claudia Fonseca
Revista VEJA

LIVROS

O Jovem e seus direitos

Mello, Anna Christina Cardoso

O Jovem e seus direitos

Coleção: "Qual é o Grilo?"

Editora Moderna

Vivemos em uma época em que o horror da violência chega às portas das classes sociais que acreditavam estar seguras em suas "ilhas" imaginárias rodeadas de concreto e grades. Enquanto mantidos à distância, como se entre a periferia e o centro houvesse uma fronteira intransponível, achavam 'natural' (quando não, banal) que as páginas policiais ficassem repletas de notícias

Invadidos pelos 'restos selvagens' que esperavam ficarem à margem, procuram mascarar sua responsabilidade na emergência de discursos que têm como signo a impunidade. E, para encarnar esse signo, os adolescentes.

Isto apesar de estarmos no sétimo aniversário da promulgação da Lei nº 8069, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

A psicóloga ANNA CHRISTINA CARDOSO DE MELLO percebeu em sua prática nas Varas da Infância e da Juventude, que o ECA será mudo, portanto ineficaz e inoperante, se não for incorporado na vida cotidiana, e fizer parte de nossa linguagem.

Sabe também que para ser incorporado à linguagem é necessário mais do que simples informação e, por isso escolheu o caminho da educação..

De maneira clara, precisa, sem ser entediante, usando uma linguagem acessível a jovens de qualquer idade, a autora mostra os direitos e limites dos jovens estabelecidos pelo ECA, como a sociedade re-

gulamenta a vida dos adolescentes e suas relações com a escola, família, sociedade etc.

Usando o que é de mais importante - apesar de todo avanço tecnológico - no processo de transmissão, o Professor, o livro visa estimular a discussão, a crítica e o posicionamento, com vivências de situações, em todos os envolvidos no processo educativo.

Lançado pela Editora Moderna na coleção "Qual é o grilo?", Anna Christina nos ensina que o trabalho do psicólogo não está restrito a quatro paredes, seja nos consultórios, nas Varas de Justiça, nos ambulatórios, hospitais, empresas ...

Resenha elaborada por
Sérgio L. Braghini - psicanalista
e conselheiro do CRP-06

Rumo à Palavra

Três crianças autistas em psicanálise

Laznik-Penot, Marie-Christine
Ed. Escuta

O livro reúne três casos de crianças autistas atendidas pela autora apresentando a singularidade de cada um em seu gênero exemplar de situações enfrentadas pelos médicos, psicanalistas, educadores, mas, sobretudo, pais. Marie-Christine encontra suas referências na teoria de Lacan e sua abordagem clínica se funda na certeza de que, contrariamente às idéias recebidas, a linguagem da criança autista não é desprovida de significação e que é preciso aprender a decifrá-las para finalmente entendê-la.

SAÚDE DA MULHER

ABORTO

O projeto de lei que permite aos hospitais públicos a realização da interrupção da gravidez nos casos previstos no Código Penal, possibilita à sociedade discutir a questão do aborto. Acreditamos que, mesmo quando o debate se acirra e as posições estão polarizadas, a sociedade ganha, pois pode falar sobre o fato de que muitas e muitas mulheres fazem aborto no Brasil. O CRP também é chamado a participar da discussão com questionamentos que surgem no Centro de Orientação.

Consideramos que, não basta adotar uma posição "contra ou a favor", mas que é necessário ampliar a discussão com a categoria e demais setores da sociedade sobre a questão.

Assim, o tema aborto pode ser discutido em seus vários aspectos. Podemos citar o aspecto legal, o que é ou não permitido por lei; o religioso, (quando começa a vida, o embrião tem ou não espírito); o aspecto da saúde pública, (número de curetagens pós-aborto realizadas no país, tempo de internação dessas pacientes, complicações e mortalidade pós-aborto, custo das internações); o aspecto emocional da mulher que aborta; o crescente número de crianças abandonadas; a falta de política de planejamento familiar, etc. Independente do aspecto eleito para discussão, um fato não pode ser negado: as mulheres continuam abortando neste país, com o auxílio de "parteiras", clínicas clandestinas, uso de Cytotec e a cumplicidade de muitos que condenam a legalização do aborto.

Como contribuição para a discussão, iniciamos a reflexão sobre a questão emocional. Uma mulher que se encontra grávida sem ter desejado a gravidez e que decide interrompê-la, obviamente tem suas motivações para a tomada dessa decisão, faz uma escolha que é contrária às leis biológicas naturais, à representação social da mulher enquanto reprodutora e muitas vezes tem que suportar a idéia de ter cometido um pecado. Talvez essa mulher sinta-se culpada por tal decisão. Aliás, parece que a sociedade espera que a mulher que aborta sinta culpa.

Mas, podemos nos perguntar: será que não há culpa na mulher que não aborta e permite o nascimento de uma criança que não desejou e pela qual não poderá sentir-se responsável?

Dos casos previstos em lei, consideramos importante pensar na repercussão psíquica para uma mulher vítima de estupro, ao permitir o nasci-

mento de uma criança gerada em um episódio de violência. Importante também é pensar na criança que já nasce carente de acolhimento, marcada pelo desejo de morte, de não existência. Há que lembrar que uma criança, para humanizar-se, necessita de nutrição simbólica, de convívio social, de estimulação e não apenas ser cuidada como qualquer outro animal.

Não será uma ação prejudicial obrigar uma mulher a levar a gravidez a termo quando deseja abortar? Escutá-la, respeitar seu direito de escolha, ser solidário, possibilitar a essa mulher recuperar seu sentido de dignidade, de responsabilidade por seus atos, talvez possibilite a ela, após o enfrentamento desta questão de vida e de morte, ganhar em maturidade, responsabilidade e crescimento pessoal.

O aborto, enquanto questão da saúde pública, traz informações que podem nos auxiliar na constatação de que estamos diante de um fato, conforme afirmado no início do texto: as mulheres fazem aborto no Brasil. Segundo dados do Ministério da Saúde, SEADE, em 1994, 15.788 mulheres foram internadas na rede pública em São Paulo, por "aborto não especificado", sendo que 47,1% tinham até 24 anos, o total de dias de internação foi de 32.739. No mesmo ano foram notificadas 8 mortes por aborto, o que não corresponde ao número real de mortes pós-aborto; o número de seqüelas físicas e psíquicas é desconhecido. Estudos indicam que são feitos cerca de 1,4 milhão de abortos por ano no país, mas a clandestinidade não permite comprovar estes dados.

Outro aspecto a ser considerado é o do descaso do governo com os programas de Planejamento Familiar. A sociedade está envolvida atualmente com a discussão sobre a lei que autoriza os hospitais públicos a fazerem cirurgias de esterilização (laqueadura tubária e vasectomia), quando, é fato sabido, um alto percentual de mulheres esterilizadas cirurgicamente procuram os serviços de saúde em busca de reversão. Assim, como não basta aprovar a lei de esterilização, não basta legalizar o aborto. O governo tem que garantir o acesso aos programas de Planejamento Familiar, pois certamente com maiores opções e informações adequadas o número de esterilizações cirúrgicas e abortos diminuirá.

Gestão Psicologia em Ação

DISQUE MULHER AIDS

O Grupo de Apoio e Prevenção à Aids (Gapa) já conta com um serviço de atendimento exclusivo para a mulher. É o DISQUE MULHER AIDS, completamente anônimo e confidencial, que presta informações sobre a doença. O serviço, como todas as outras atividades do Gapa, é aberto à comunidade em geral, funcionando de segunda a sexta-feira, das 13h às 20h, pelo telefone (011) 826-1231.

O Grupo dispõe também de um arquivo com informações sobre a Aids que pode ser consultado por qualquer interes-

sado, especialmente empresas, escolas e universidades. O Gapa é uma entidade civil sem fins lucrativos que há 12 anos vem desenvolvendo atividades de ajuda material ao paciente de Aids, fornecendo alimentos, remédios, atendimento psicológico e jurídico, além de realizar palestras e cursos sobre a doença. Os interessados (portadores do vírus, familiares ou profissionais que se interessem em trabalhar junto ao Gapa) podem procurar sua sede à Rua Barão de Tatuí, 376, Santa Cecília.

ACONTECEU

ASSIS

A Subsele de Assis e o curso de pós-graduação da UNESP organizaram no dia 11 de setembro a palestra "A história da atenção psicossocial em saúde mental", tendo como convidado Paulo Duarte de Carvalho Amarante. O evento teve como objetivo realizar uma reflexão sobre o tratamento do portador de sofrimento psíquico e contou com a presença de psicólogos de toda a região, de outros profissionais da área de saúde e de delegados à III Conferência Municipal de Saúde.

No dia 22 de agosto foi inaugurado o Centro Cultural do Trabalhador. É a Subsele de Assis e outras entidades contribuindo para a formação de um espaço cultural alternativo para os trabalhadores da região.

Com o tema "Bem-estar social: participação e integração" foram realizadas entre os dias 25 de agosto e 5 de setembro as pré-conferências para a III Conferência Municipal de Saúde de Assis. A Subsele de Assis vem apoiando esses eventos, promovendo debates e capacitando os delegados, estimulando, assim, a participação da população na política de saúde.

BAURU

Dias 9 e 10 de setembro aconteceu o II Encontro de Educação Especial, onde contamos com a presença de mais de 300 profissionais da área. Foram discutidas questões da educação especial.

CAMPINAS

No dia 2 de setembro estiveram na Subsele de Campinas profissionais de várias áreas da saúde pertencentes a CAPS de Campinas e Vinhedo, para discussão inicial sobre prontuários dos usuários dos serviços públicos e a questão ética/sigilo dos dados. Na oportunidade, psicólogos, psiquiatras, terapeutas ocupacionais, enfermeiras e assistentes sociais começaram a discutir formas eficazes de relacionar-se entre si e com o usuário, preservando sua individualidade e garantindo um trabalho mais satisfatório.

A Subsele realizou reunião no dia 13 de setembro para debater a formação. Compareceram vários psicólogos professores de universidades da região.

SANTO ANDRÉ

O Conselho Regional de Psicologia - Subsele de Santo André realizou dia 11 de setembro o Encontro Preparatório para o Fórum Regional de Formação Profissional. Estiveram presentes representantes da Faculdade Uniabc, Faculdade Senador Flaquer e Universidade Metodista. Também compareceram representantes do Diretório Acadêmico da Faculdade Senador Flaquer.

Continuam as reuniões quinzenais sobre convênios de saúde, para discutir a situação atual e levantar propostas de ação com representantes do CRP, sindicato, profissionais autônomos e de clínicas. Ao longo do tempo, vem-se produzindo distorções nessa relação de prestação de serviço. Precisamos do apoio e da participação dos colegas que atuam nesse setor. Informações pelo telefone (011) 444-4000.

TAUBATÉ

A Subsele realizou encontro, no dia 28 de agosto, para dar continuidade à discussão sobre o tema "Fracasso Escolar: repensando a avaliação", com palestra e coordenação de oficina para educadores da Rede Estadual de Ensino de Taubaté a cargo da conselheira Glória Elisa Von Buettner e do membro da comissão gestora Carlos Roberto T. Damião. O evento aconteceu por solicitação da Delegacia de Ensino.

No dia 16 de setembro a Subsele realizou o pré-fórum de Formação Profissional, no Posto de Saúde de Taubaté, com a presença de psicólogos da área clínica, hospitalar e jurídica.

No dia 20 de setembro houve discussão com os psicólogos de Cachoeira Paulista e Cruzeiro sobre o tema "Avaliação Psicológica e Atuação Profissional".

No dia 3 de outubro, a comissão de Psicologia e Trabalho da Subsele de Taubaté, realizou mais um encontro com a categoria em parceria com o CRST, Sindicatos e Professores Universitários para juntos elaborar um projeto que priorize a saúde do trabalhador devido a várias ocorrências de doenças e acidentes de trabalho. Os interessados em participar das discussões devem procurar a Subsele no telefone (012) 233-3867, das 13h às 18h.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

São Paulo quer novo método de avaliação

Fotos: Márcia Zoet

Representantes dos Conselhos Regionais de Psicologia de todo o país reúnem-se em Ribeirão Preto nos dias 21 e 22 de outubro para realizarem o Fórum Nacional de Formação Profissional. No encontro serão discutidos dois eixos temáticos: diretrizes curriculares e parâmetros para avaliação dos cursos de psicologia. O Fórum Nacional foi antecedido pela realização de fóruns regionais em que se discutiu os eixos temáticos partindo-se de dois documentos elaborados por especialistas do MEC com base nas propostas aprovadas pelos Congressos Nacionais de Psicologia. Com a realização do Fórum Nacional, será elaborado documento único a ser proposto pelos psicólogos para o MEC como referência para a criação de parâmetros de avaliação dos cursos de psicologia e reestruturação daqueles que forem considerados de má qualidade.

Em São Paulo, o Fórum Regional foi realizado em setembro e os delegados eleitos deverão levar duas propostas básicas da região. A primeira delas é que a sociedade seja melhor informada sobre a necessidade de



Psicólogos reunidos no fórum de formação, decidiram propor emendas aos documentos elaborados pelo MEC

avaliação do ensino superior e consultada no processo de discussão, ampliando-se suas possibilidades de participação. Além disso, o CRP-06 vai propor emendas aos dois documentos elaborados pelo MEC. Segundo informações de Glória Elisa Von Buettner, conselheira do CRP e uma das delegadas eleitas para o Fórum Nacional, "no Fórum de São Paulo, identificamos algumas incon-

gruências entre os dois documentos tomados como base e por isso vamos propor emendas, aditivas ou substitutivas, com a finalidade de compatibilizá-los. Vamos propor ainda que a avaliação dos cursos seja feita em caráter experimental para que possamos testar o método e reavaliá-lo posteriormente".

Ainda de acordo com Glória, o CRP-06 defende a proposta de

que não sejam abertos novos cursos de psicologia e que os já existentes passem por criterioso processo de avaliação em que esteja prevista a reestruturação daqueles considerados de má qualidade ou até mesmo o descredenciamento de instituições, quando isso for julgado necessário. "Há uma grande saturação de profissionais no mercado de trabalho e a baixa qualidade do ensino da grande maioria dos cursos já é reconhecida por todos mas, mesmo assim, têm sido muitos os pedidos de credenciamento para novas escolas. Precisamos urgentemente de diretrizes curriculares pois grande parte dos problemas do exercício profissional, na verdade, remete às falhas da formação," ponderou a conselheira do CRP.

Além de Glória, também estarão como delegados por São Paulo no Fórum Nacional os psicólogos José Roberto Tozoni Reis, Cristina Amélia Luzio e Marina Rezende Bazon. Como suplentes irão Cássia Regina Rodrigues, Nilma Renildes e Raquel Souza Lobo Guzzo. Pela secretaria executiva estará presente a psicóloga Helena Hiriyê.

ÉTICA

CRP propõe discussão em seminários

Os psicólogos da Sexta Região estiveram reunidos no Fórum Regional de Ética no dia 4 de outubro, na sede do CRP. O evento teve como objetivo preparar a participação de São Paulo no Fórum Nacional, realizado em Brasília de 10 a 12 de outubro. Os Fóruns Regional e Nacional tinham como objetivo avançar nas discussões a respeito dos Códigos de Ética e de Processamento Disciplinar, iniciadas nos Congressos Nacionais da Psicologia.

O encontro em São Paulo iniciou com palestra de Leon Crochik, psicólogo e professor dos programas de Pós Graduação em Psicologia Social da PUC e da USP de São Paulo, Odair Sass, ex-conselheiro dos conselhos Regional e Federal de Psico-

logia e professor do Programa de Pós Graduação em Psicologia Social da PUC de São Paulo e Maria Silvia Bolguese, ex-conselheira do CRP-06 e psicanalista. Leon Crochik e Odair Sass apontaram a necessida-

de de que as questões éticas sejam pensadas a partir de princípios universais, enquanto Maria Silvia Bolguese propôs uma discussão a partir dos problemas enfrentados pelos psicólogos no dia-a-dia do

exercício profissional.

Na parte da tarde, os participantes do Fórum Regional reuniram-se para discutir as propostas que a Sexta Região levaria ao Fórum Nacional. O plenário decidiu que São Paulo defendesse em Brasília que todos os conselhos regionais organizem seminários para discussão sobre a prática profissional dos vários setores da psicologia, antes de fazerem alteração nos códigos. De acordo com a proposta vencedora no plenário, é preciso propor critérios universais para pensar a ética, ouvindo questões do exercício profissional e da formação do psicólogo. Veio daí a conclusão de que é necessário realizar ampla discussão entre a categoria antes de fazer alterações nos códigos.



Mesa do Fórum de Ética, da esq. para a dir.: Odair Sass, Sidnei Corocine, Leon Crochik e Maria Silvia Bolguese

RECADASTRAMENTO

Pós-graduados ganham salários mais altos

Os psicólogos com formação pós-graduada ganham melhor do que os que não têm este tipo de formação. A conclusão é do conselheiro do CRP José Roberto Tozoni Reis, com base nos dados obtidos com o Recadastramento realizado pelo Conselho e fundação Seade. Segundo Tozoni, é possível verificar esta realidade comparando os dados relativos ao grupo de profissionais pós-graduados como um todo (sem discriminar o tipo de pós-graduação que fizeram) com o total de psicólogos recadastrados no Estado de São Paulo.

“Quando fazemos essa comparação, vemos que, enquanto 31,49% dos psicólogos ganham até cinco salários mínimos, entre os pós-graduados este grupo é significativamente menor, ou seja, de apenas 19,72%. Em compensação, se olharmos para o outro extremo da tabela, ou seja, para os números relativos aos que ganham mais de 25 salários mínimos, constatamos que entre os pós-graduados o percentual é quase o dobro do que entre o total de psicólogos recadastrados, respectivamente 12,75% e 6,96%,” explicou o conselheiro.

A conclusão torna-se ainda mais contundente se aglutinadas as duas faixas mais baixas e as duas mais altas de rendimento. Pode-se verificar que, enquanto 58,94% do total de psi-

cólogos recadastrados ganham no máximo 10 salários mínimos, entre os pós-graduados este contingente abrange 43,02%. Por outro lado, enquanto 12,71% dos psicólogos recadastrados ganham mais do que 20 salários mínimos, entre os pós-graduados este percentual sobe para 22,71%.

Outra conclusão a que o conselheiro chegou é que, entre os pós-graduados, o nível de rendimento melhora

conforme progride a qualificação acadêmica. Na menor faixa de rendimento (de até cinco salários mínimos) se concentram 21,96% dos especialistas, 12,20% dos mestres, 3,78% dos doutores e 12,90% dos pós-doutorados. Já na faixa de maior rendimento (25 salários mínimos ou mais) situam-se 10,48% dos especialistas, 19,50% dos mestres, 30,24% dos doutores e 45,16% dos pós-doutorados. Conside-

rado o conjunto das duas faixas mais baixas de rendimento, encontram-se os seguintes dados: 46,91% dos especialistas, 30,54% dos mestres, 13,75% dos doutores e 19,35% dos pós-doutorados ganhando no máximo 10 salários mínimos. Por outro lado, 19,24% dos especialistas ganham mais de 20 salários mínimos, enquanto que entre os mestres o percentual deste grupo é de 34,03%, ou seja,

mais de um terço do total. “As condições de remuneração dos doutores e pós-doutorados mostram-se bem melhores do que as dos demais. Enquanto mais da metade (52,28%) dos doutores ganham mais de 20 salários mínimos, entre os pós-doutorados esta faixa engloba 64,51%, ou seja, quase dois terços do total”, concluiu Tozoni.

Psicólogos com formação pós-graduada, por faixa de rendimento, segundo cursos de pós-graduação Estado de São Paulo

Cursos de Pós-graduação	FAIXAS DE RENDIMENTO (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)									
	Até 10		De 11 a 20		Mais de 20		Não responderam		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
TOTAL	3.492	43,02	2.702	33,29	1.863	22,95	60	0,74	8.117	100,00
Especialização	3.053	46,91	2.153	33,08	1.252	19,24	50	0,77	6.508	100,00
Mestrado	393	30,54	448	34,81	438	34,03	8	0,62	1.287	100,00
Doutorado	40	13,75	96	32,99	153	52,28	2	0,69	291	100,00
Pós-doutorado	6	19,35	5	16,13	20	64,51	0	0,00	31	100,00

Fonte: C.R.P. - 06; Recadastramento Profissional dos Psicólogos O Recadastramento foi realizado no período de 03/06/94 a 31/05/95

Psicólogos recadastrados em São Paulo

FAIXAS DE RENDIMENTO (EM SALÁRIOS MÍNIMOS)									
Até 10		De 11 a 20		Mais de 20		Não responderam		TOTAL	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
11.393	58,94	5.336	27,60	2.458	12,71	146	0,76	19.332	100,00

CINEMA

A cultura e os direitos humanos

O CRP e suas subseções de Campinas, Ribeirão Preto e Assis estão organizando, em conjunto com Cinusp “Paulo Emílio”, a Pró-reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, o Instituto Tempos Modernos, a Fundação Lazos, com apoio da OAB, o evento “Cinedebate: A cultura e os direitos humanos”, de 13 a 17 de outubro. A programação consta de debates e exibição de filmes. Informações: no CRP pelo telefone (011) 574-7133 (Centro de Orientação) ou pelo e-mail: crp06sp@nutecnet.com.br

Informe publicitário

Curso	Orientação Vocacional: Uma proposta crítica	5ªs feiras, das 19h30 às 22h30 a partir de 30/10/97 (5 semanas)
coord. Silvio Bock/Wanda(ia) Junqueira (CRP-06/06282-2)		
Local - (Nace) - Benedito Lapin, 157, telefax: 829-2412, r. 21		

Informe publicitário

DISQUE FREUD®	Atendemos em todo o Brasil
SP-(011) 815-3344 Bip 6R29 RJ-(021) 442-2430	
PORTUGUÊS - 24 vols. - Ed. Imago - à vista 360 - 2X 190 - 4X 99,00 - CHEQUE 30 DIAS	
Atendemos volumes avulsos:	
LANÇAMENTO: CD-ROM FREUD PORTUGUÊS À vista 95,00 - 2X 50,00	
CASTELHANO - 25 vols. - Ed. Amorrortu	
ESPAÑHOL - 3 vols. - Editora Nueva SOB CONSULTA	
Entrega a domicílio	
CGC: 72.082.308/0001-34	

ATENÇÃO PSICÓLOGO

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região - São Paulo - Atendendo ao disposto no artigo 24, alínea “C”, da Lei 5766, de vinte de dezembro de 1971, convoca os psicólogos inscritos neste Regional para Assembléia-Geral Ordinária a ser realizada no dia 31 de outubro de 1997, às 20h00 em primeira convocação, com a presença da maioria absoluta de seus integrantes e, às 20h30min, em segunda convocação com o número de psicólogos presentes.

Local: Sede do Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região
Rua Borges Lagoa nº 74 - Vila Mariana
São Paulo - SP

Ordem do Dia: 1ª - Prestação de Contas de 1997
2ª - Orçamento-programa de 1998
3ª - Outros Assuntos.

São Paulo, 1º de outubro de 1997

Sérgio Luis Braghini
Conselheiro-Tesoureiro

Sidnei Celso Corocine
Conselheiro-Presidente

Entre o necessário e o impossível

CYRO MARCOS DA SILVA

“**C**omo foi que aconteceu, como foi que aconteceu, é uma idéia que sempre nos acode diante do que já não tem remédio perguntar aos outros como foi, desesperada e inútil maneira de distrair o momento em que iremos ter de aceitar a verdade, é isso, queremos saber como foi, e é como se pudéssemos ainda pôr no lugar da morte, a vida, no lugar do que foi, o que poderia ter sido.”

(Saramago, José - “O Evangelho segundo Jesus Cristo” - São Paulo, Companhia das Letras, 1991)

Quando o perigo que nos é trazido pelo outro se apresenta atual e iminente; quando se expor implica risco para a integridade física ou mesmo risco de vida; quando as palavras já não são mais suficientes para impedir a agressão do semelhante; quando as normas são desafiadas; quando não há mais limite algum para ordenar o caos, lembramo-nos da política. Clamamos pelo necessário para fazer um contorno no impossível.

Pensemos o *necessário* como aquilo que não cessa de se presentificar, está sempre aí, como alguma coisa que fala de um limite e que aponta uma passagem do homem de um estado de barbárie, de natureza, para um estado de civilização, sob o império e mediação da palavra.

Em sua obra “O mal-estar na civilização” Freud nos diz:

“A civilização, portanto, consegue dominar o perigoso desejo de agressão do indivíduo, enfraquecendo-o, desarmando-o e estabelecendo no seu interior um agente para cuidar dele, como uma guarnição numa cidade conquistada.”

Se esta censura se coloca singularmente para cada sujeito, na melhor das hipóteses, é preciso pensar, portanto, em uma regulação social com esta referência, em regulações impostas para todos de um determinado universo. Por outro lado, é necessário a criação de meios de dar eficácia a estas regulações que são expressas em normas. Entra em cena aí a polícia, fazendo valer a palavra da lei, levando pois tal palavra à cena onde ocorre o impossível de tudo dizer.

O que chamamos então de *impossível*? Denominamos impossível a algo que não cessa de estar oculto, a algo que nunca se presentifica. Chamamos de impossível aquele mal-estar com que vocês freqüentemente deparam no trabalho, aquilo que por vezes lhes faz aproximar da beira de precipícios de horror. O impossível é o mal-estar que lhes entala a garganta, que lhes embaça a voz, a pon-

to até de indagarem: como foi, como foi mesmo que aconteceu?

Assim, o trabalho de vocês é desempenhado num território marcado por duas balizas: é necessário e impossível, a lei e o mal-estar, o limite e o que escapa. Neste sorrateiro beco, não é de se admirar que angústia lhes visite sempre, lhes afete perigosa, insidiosa e sorrateiramente, fazendo sua dança entre a vida e a morte. Mas, então, o que ainda torna possível o trabalho de vocês? O que ainda impede que aquilo que está oculto, inacessível, trave a posição que lhes foi destinada neste beco, nesta encruzilhada? Podemos pensar numa referência, em um nome, em algo inscrito sobre uma tela encobridora deste abismo que denominamos impossível. Podemos pensar, portanto, numa relação de causa e efeito, ou seja, uma Lei. Mas que Lei é esta? Que Lei é esta, que barra o insaciável do poder que quer se perpetuar além de suas fronteiras?

Que Lei é esta que pode contornar um pouco do reino onde o impossível é rei? Que Lei é esta com a qual o conhecido imperador romano Calígula se deparou e que lhe impedia de mudar a ordem das coisas e que marcava que os que nascem morrerão, nada podendo o imperador contra isso? (referência à peça teatral de Albert Camus)

No imaginário social, pensa-se que o poder é possível, porque referenciado a seres divinos ou a seus substitutos seculares. Mas devemos ir além deste imaginário, atravessar esta fantasia para que possamos pensar em alguma referência que seja, inclusive, o fator determinante desta fantasia. Vamos seguir então o caminho do jurista austríaco Hans Kelsen, em seu texto “A função da Constituição”.

Kelsen começa nos apontando que nem toda ordem é uma norma e nem toda norma é uma ordem. E menciona o exemplo de um assalto. O assaltante lhe dá uma ordem da entrega do dinheiro e esta ordem, muito longe de cumprir a norma, a fere. Já a um agente fiscal devo, normalmente, quando cobrado, pagar certa soma de dinheiro que me é pedida. Então, ele pergunta: qual o fundamento para a validade da norma no último caso (do fiscal) e não no primeiro caso (do assaltante)? E responde, começando a apontar um caminho que terminará num ponto opaco.

Responde assim que a norma superior autorizante é o fundamento que outorga validade à norma inferior autorizada. Isso parece conduzir a um caminho sem fim. Desse modo, em seu texto, vai passando pelas normas consti-

tuintes e autorizantes das normas autorizadas, até ir chegando às constituições anteriores até a primeira constituição histórica e, daí à **norma** básica, que denomina **Grund Norm**.

Este norma seria, pois, o ponto de referência, fundadora de todas as demais normas que logicamente se lhe sucedem.

É, pois, uma **ficção**. Mas nem por isso podemos deixar de pensar que as normas mais próximas do nosso dia a dia, mais aparentemente prosaicas, não pertençam também a uma rede de ficções. É por quê? Porque desde que falamos, desde que tentamos dizer algo de uma coisa, de um ponto determinado, nunca chegamos a dizer exatamente a coisa, nunca exatamente o ponto. Cada sujeito dirá como pode e assim o é, porque a própria verdade tem estrutura de ficção.

Sobre esta **norma fundamental**, pode-se pensar em várias versões, todas como mito, pois o mito vem ainda tentar dizer as penúltimas palavras, já que o racional, porque também montado em ficção, nada garante como resposta.

Assim, a Bíblia deu sua versão para uma Norma Primeira e fundamental. Sabemos que Adão e Eva foram tentados a conhecer, como se possível fosse, A VERDADE. E vimos então que a este impossível, a este oculto não se tem acesso. Mais que proibida, a maçã é impossível e a fuga do paraíso não foi consequência, pois era a causa, já que o paraíso está perdido desde sempre. Se nos foi dado, já o foi como perdido.

O direito, observemos, nos dá também a versão mítica do seu nascedouro: ou uma norma fundamental, constituinte primeira – como diz Kelsen – sabe-se lá quando, **ou**, até onde podemos pensar, o nascedouro no Corpus Juris Civilis mais elaborado, ou seja, o Direito Romano.

Vocês têm as leis às quais todos nós estamos submetidos, têm ainda regulamentos que lhes são próprios em suas atividades. Porém, não podem perder de vista uma outra lei: uma lei básica, fundamental, portadora de uma verdade velada, impossível de se saber muito dela. É preciso que não percam de vista que as leis em nome das quais vocês detêm, prendem, averiguam, encarceram, devem estar eticamente referidas a esta Lei fundante que lhes impede de se posicionar como donos da verdade, não desrespeitando assim a particularidade de cada sujeito com o qual vocês deparam nas perigosas paragens onde exercem seu ofício.

Esta Lei maior está fundada num ponto oculto, de silêncio, de não saber, de não acesso, sob um véu que, rasgado, cegar-lhes-ia. Com ela Calígula não quis deparar, pois ela lhe impedia de eliminar o que é ineliminável: nascer para, um dia, morrer.

Como para todos nós, apresenta-se a vocês este dever ético: situar-se entre o impossível e o necessário. Para que algo de novo, uma criação possa surgir e, ainda para que não sejam tão nefastos os resultados do ineliminável mal-estar, todos nós temos que nos situar nessa dobradiça: entre o necessário e o impossível.

E se não levamos isso em conta, pervertendo a ordem das coisas? A perversão seria o desmentido da Norma Básica, mítica. Seria desmentir o buraco em que ela mesma se constitui e ao redor do qual nos coloca, ou seja, o paraíso deserdado. A perversão seria partirmos para o sonho da liberdade de tudo nivelar, tudo controlar, fazer o impossível pisar a terra e deter o inominável: desastrosa ilusão!

O policial, assim também como o juiz, deve trabalhar em nome desta lei, fazê-la circular nas normas do Direito. Não pode encarnar esta Lei, fazendo-se todo poderoso. Isso seria uma falácia, mesmo porque esta Lei só é o que é porque tem um furo: dela só saberemos por um meio-dizer, pois ela introduz a falta, que causa o desejo.

Quando um policial se deixa corromper, ignora esta Lei fundante e se faz Deus daquele cidadão que cai à sua mercê. Também se faz Deus, e por aí, sim, se desumaniza, quando espanca, tortura e decide sobre a vida ou a morte de um cidadão. Quando as armas substituem a eficácia das palavras, o que as palavras ainda poderiam operar, aí, sim, para este profissional, como para Calígula, ser-lhe-á indiferente dormir ou permanecer desperto. Igualado aos deuses, ou além dos deuses, tornar-se-ão fontes ou referências de seu próprio poder: miragem mortífera!

Termino com o mesmo autor que abriu meu trabalho:

“As palavras dos homens são como sombras, e as sombras nunca saberiam explicar a luz. Entre elas e a luz está e interpõe-se um corpo opaco que as faz nascer.”

Cyro Marcos da Silva, é juiz de direito e psicanalista em Juiz de Fora, MG.

O texto acima foi extraído de palestra proferida pelo autor para membros da Polícia Militar em sua cidade natal.

ORIENTAÇÃO

Por que a formação continuada

Entre as questões que chegam ao Centro de Orientação, dois tipos de pergunta chamaram particularmente a atenção dos conselheiros: aquelas que se referem a assuntos exclusivamente técnicos e as que trazem dúvidas sobre questões éticas. Em ambos os casos, uma análise apurada da motivação das consultas revelou que a maioria aponta para lacunas na formação universitária. “O que observamos é que o aluno sai da universidade sem a competência necessária para o exercício profissional. Os cursos de graduação, mesmo quando propiciam uma boa formação, o que não ocorre com a grande maioria, enfocam uma formação básica e genérica, não tendo como objetivo especializar em qualquer das matrizes teóricas ou das áreas profissionais da psicologia. O perfil da categoria mudou muito nos últimos anos com a abertura de muitos novos campos de trabalho para o psicólogo”, explicou Glória Elisa Von Buettner, conselheira do CRP.

De acordo com a conselheira, o CRP tem confirmado, nas orientações a necessidade de que os profissionais dêem continuidade à sua formação para que possam garantir qualidade ao seu exercício profissional.

As possibilidades de cursos extra acadêmicos hoje em dia são variadas e Glória adverte para que o psicólogo faça, antes de mais nada, um levantamento de suas necessidades. “Existem diferentes tipos de cursos, para diferentes tipos de demandas”, explicou a conselheira. A pós-graduação estrito sensu - mestrado e doutorado - atende melhor àqueles que querem dedicar-se à pesquisa ou docência universitária. Alguns programas, no entanto, aceitam que o aluno curse as disciplinas de mestrado e saiam com título de especialistas. “Isso ocorre porque muitos profissionais não querem se dedicar à pesquisa ou à docência e, portanto, não fazem a dissertação mas utilizam os conhecimentos em sua prática cotidiana”, disse Glória.

Outra opção são os cursos de especialização, geralmente voltados para as áreas específicas em que o profissional trabalha. Também é possível que o profissional busque supervisão de colegas mais experientes. Hoje já existe supervisão para áreas específicas de atuação diferente da que é feita voltada apenas para a área clínica. Glória lembrou ainda que em alguns hospitais existe a residência na área de psicologia, além de citar as vantagens do Programa

de Aprimoramento do Estado que, através de bolsas, permite ao psicólogo recém-formado exercer a profissão enquanto dá continuidade à sua formação. “O aprimoramento é remunerado e possibilita ao psicólogo trabalhar em equipes multiprofissionais, ou seja, ter contato com profissionais de outras áreas”, disse Glória.

A conselheira do CRP advertiu ainda para que o psicólogo não se esqueça que no momento de buscar algum curso pós universitário é importante verificar as interfaces de sua área de atuação. “O mercado de trabalho vem ficando a cada dia mais

complexo e a psicologia tem, cada vez mais, interseção com outras disciplinas. Um bom exemplo são os profissionais que trabalham na Justiça, ou na área escolar. Enquanto uns devem buscar conhecimentos sobre legislação, direitos humanos etc, aos da área educacional é necessário aprofundar conhecimentos sobre educação.” Finalizando, a conselheira lembrou aos profissionais que o Conselho não dá indicações de cursos, pois tal atitude foge inteiramente de suas atribuições. No entanto, alerta para a necessidade, tanto técnica quanto ética de educação continuada.

ATENÇÃO PSICÓLOGO

O E-mail do CRP mudou. Desde o dia 1º de outubro, estamos utilizando o seguinte endereço eletrônico:

crp06sp@nutecnet.com.br

Em breve, a página do Conselho já estará em operação. Atualize sua agenda para saber as informações sobre a profissão.

JORNAL DO
CRP
CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA
6ª REGIÃO

Rua Borges Lagoa, 74
Fone: (011) 574-7133
Fax: (011) 575-0857

o - SP



IMPRESSO